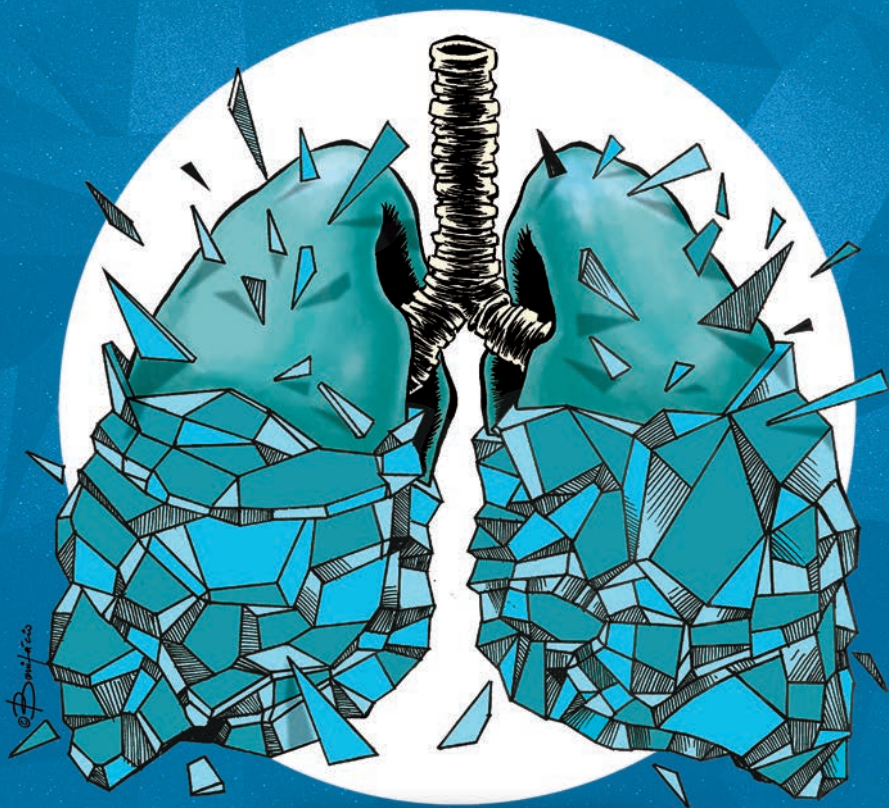


IURI RODRIGUES

UM LUGAR PARA RESPIRAR



PREFÁCIO DE **FELIPE PENA**

**UM LUGAR
PARA RESPIRAR**

Copyright © 2017 • Iuri Rodrigues

Todos os direitos reservados

Revisão Ortográfica

Amanda Neuman e Daniele Silveira Faria Vieira

Capa

Rogério Bonifácio

Diagramação

Efeito X (efeitox.com)

Impressão:

Gráfica J. Andrade

Ficha Catalográfica Elaborada Pela Bibliotecária Daniela Santos de Oliveira/
CRB- 5/49-P 5ª Região

R696u

Rodrigues, Iuri da Silva.

Um lugar para respirar. /Iuri da Silva Rodrigues./
Lagarto/SE. J. Andrade.
p.

ISBN: 978-85-8253-200-3

1. Livro reportagem. 2. Jornalismo. 3. Não ficção.
4. Jornalismo literário. 5. Transplante pulmonar. II.
Título.

CDU 616.24

IURI RODRIGUES

**UM LUGAR
PARA RESPIRAR**

Agradeço, por toda a minha vida,
aos personagens deste livro.

A “ESCREVIVÊNCIA” DE IURI RODRIGUES

POR **FELIPE PENA**¹



Abro o livro do Iuri e, logo na apresentação, entendo seus motivos para escrever: “Desde pequeno, em Lagarto, no interior de Sergipe, escuto histórias de gente grande. Gostava de escutar com os olhos, os ouvidos e as mãos também. Sempre escutei com prazer. Não foi por acaso que escolhi o jornalismo.”

Estamos todos em Lagarto, Iuri. Somos todos sergipanos. Vale a máxima de Tolstói de que ao falar de nossa aldeia falamos de todo o mundo. E mesmo quando você vai a Porto Alegre para mostrar o drama de quem espera por um pulmão numa fila

1 Felipe Pena é jornalista, psicólogo e professor da UFF. Doutor em Literatura pela PUC-Rio, é autor de 15 livros, entre eles o romance “O verso do cartão de embarque.” Mantém o site felipepena.com

de transplante, o assunto continua sendo a aldeia. Porque o drama de um é o drama de todos. É gaúcho, é brasileiro, mas poderia ser sergipano, californiano, queniano, fluminense. O drama é universal. Lagarto é universal. O jornalista literário é universal.

Você ouve com as mãos, Iuri. Está certo. É a sinestesia que define o escritor. Veja com os ouvidos, sinta com os olhos, absorva os perfumes e odores da história. Se você é capaz de se lembrar do cheiro da narrativa, está no caminho certo. Guarde este segredo.

O complexo Hospitalar da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e as casas dos pacientes não foram apenas retratados no livro. Foram sinestesticamente transmitidos aos leitores. Ninguém sairá impune destas páginas. As vidas presas por um fio são detalhadas pelo autor com requintes sensoriais. A emoção nos conduz.

Por uma dessas coincidências que nos aproximam, estive na mesma Santa Casa há 19 anos, como repórter da TV Manchete, para fazer uma reportagem sobre o tema. Em 1998, o governo decidira que todos seriam doadores compulsórios, a menos que registrassem em cartório o desejo contrário. A lei deu esperanças aos que esperavam na fila, mas não durou muito tempo.

Ainda vejo aqueles rostos, Iuri. Ainda sinto o cheiro das salas de espera, das máquinas de hemodiálise, da agonia. Ainda não me recuperei.

Ao rever minha reportagem – www.felipepena/videos/reportagens-tv-manchete/transplante-de-orgaos/ - percebo que nada mudou. Mas o seu olhar sobre a rotina de quem espera por um pulmão possui a imersão que eu não consegui ter. Você foi além, fez o recorte correto, transmitiu as sensações, fez jornalismo literário de primeira.

“Um lugar para respirar” é muito mais do que um relato. É uma vivência.

O leitor viverá as páginas a seguir.

APRESENTAÇÃO



SEMPRE PENSEI EM ESCREVER uma grande reportagem que contasse histórias reais de pessoas. Como diz o gaúcho Caio Fernando Abreu: “Continuo a pensar que quando tudo parece sem saída, sempre se pode contar. Por essa razão escrevo”.

Desde pequeno, em Lagarto, no interior de Sergipe, escuto histórias de gente grande. Gostava de escutar com os olhos, os ouvidos e as mãos também. Sempre escutei com prazer. Não foi por acaso que escolhi o jornalismo.

As informações contidas neste livro se dão por conta de um trabalho de pesquisa minucioso e exigente. Um trabalho de mais de dois anos, entre encontros e desencontros e, claro, de engajamento pessoal. Certa vez, uma grande amiga disse que a minha passagem em torno do “Rio Grande” daria um livro. Tamanha a intensidade da minha entrega às coisas que me

cercaram - e eu também o cerquei - durante o período que passei estudando no Rio Grande do Sul.

As noites mal dormidas no complexo Hospitalar da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e nas casas dos pacientes estão expostas nas páginas seguintes com todas as verdades possíveis que consegui enxergar.

É como forma de respeito aos que, mesmo com a pouca respiração que ainda lhes restava, tiveram a capacidade de abrir suas vidas e me contar um pouco da sinistra rotina que é viver em uma fila de espera de transplante pulmonar, que eu escrevo. Infelizmente, alguns personagens não conseguiram alcançar essas palavras, as palavras de sua vida que estavam engasgadas e a mim foram todas entregues.

Cheguei até essas vidas descalço e nu. Sem regras e sem receitas prontas. Quem decide invadir a vida do outro só precisa de um ingrediente, que nunca pode faltar: a ética. É dessa forma que acredito que as histórias dos outros devem ser contadas. É assim a minha admiração pelos grandes jornalistas que contam histórias de gente.

Teve momentos em que quando a pergunta ia escapular da minha boca, eu era interrompido bruscamente. Um olhar, um gesto ou uma respiração, se consolidava em palavras ditas. Eu

rabisquei várias cadernetas, limpei várias lágrimas, as minhas e as dos outros, e tentei transpor todos os sentimentos para o papel. Eu não tinha nenhum vínculo com nenhum veículo de comunicação. Entrei nesse barco lembrando sempre do que aprendi com o poeta amazonense Thiago de Mello quando o li outro dia: “Na fogueira do que faço por amor, me queimo inteiro”.

Me queimei desde o dia em que decidi sair de Sergipe para Porto Alegre com uma mochila azul nas costas. Aquele seria um ato audacioso e de coragem num lugar que eu mais me sentia um estrangeiro do que um brasileiro.

Espero, do fundo do meu coração, que este livro desperte novos olhares sobre a importância da doação de órgãos. Escolhi escrever este livro que fala de vida e morte porque é só com a morte que passamos a compreender a vida.

Leitores, respirem fundo e boa viagem!

“Doar é o mais subido ato
de solidariedade”

Dr. José de Jesus Camargo

OS ANJOS DO PAVILHÃO



A SANTA CASA de Misericórdia de Porto Alegre fica na região central da capital gaúcha. Fundada em 19 de outubro de 1803 como uma instituição privada de caráter filantrópico, o Complexo Hospitalar possui sete hospitais, com destaque para as áreas de Clínica Médica, Cirurgia Geral, Cardiologia, Neurocirurgia, Pneumologia, Oncologia, Pediatria e Transplantes.

A instituição é referência na saúde, na prevenção de doenças, na assistência e no ensino e pesquisa em toda a América Latina. Na história do Rio Grande do Sul, a Santa Casa tem um papel primordial. Fazem parte do complexo os hospitais: Santa Clara, São Francisco, Pavilhão Pereira Filho, Santa Rita, Santo Antônio, Dom Vicente Scherer e o Centro Histórico-Cultural Santa Casa.

Os primeiros transplantes de pulmão no mundo começaram na década de 1960 como uma alternativa terapêutica e tiveram péssimos resultados inicialmente. Após vários estudos e com o advento da ciclosporina (substância que reduz a probabilidade de rejeição do órgão transplantado) na década de 1980, o transplante de pulmão se consolidou com uma alternativa real no mundo.

O Pavilhão Pereira Filho é um Hospital integrante do Complexo Hospitalar Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Com cinco andares, o PPF foi inaugurado em 25 de outubro de 1965 na então gestão do presidente Castelo Branco.

O hospital é referência em pneumologia clínica, cirurgia torácica, e é pioneiro em transplante pulmonar na América Latina. O pavilhão dá uma excelente contribuição ao ensino de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O professor Pereira Filho era Diretor do Serviço Nacional de Tuberculose e foi o idealizador do serviço de doenças pulmonares da Santa Casa. Com a paralização das obras que eram financiadas pelo SNT, coube ao cearense José Fernando Carneiro, o primeiro diretor, retomar as obras e inaugurar o PPF.

A conclusão da obra foi uma ação coletiva de diversos setores e contou com o empenho de Dom Vicente Scherer, um cardeal brasileiro.

O Pavilhão Pereira Filho é o único hospital brasileiro dedicado a pneumologia. Não se pode falar em tratamento de pulmão sem citar o Pavilhão. Foi responsável por realizar o primeiro transplante do hemisfério sul e é o hospital com maior serviço de cirurgias pulmonares do país.

A residência médica do Pavilhão já formou dezenas de cirurgiões em vários estados do Brasil e na América Latina. Criou o mestrado em 1971 e o doutorado em 1989 e carrega uma vasta produção científica com reconhecimento internacional. Fez o primeiro transplante isolado de pulmão da América Latina, o primeiro transplante de pulmão intervivos realizado no mundo, fora dos Estados Unidos e os oito primeiros transplantes de pulmão da América latina foram realizados no Pavilhão Pereira Filho.

O Pavilhão tem prestígio. E Dr. Camargo tem sua contribuição atual para que o Pavilhão chegasse a tal ponto. O renomado médico é o cirurgião de tórax mais famoso da América do Sul e um dos mais conceituados do mundo.

Pulmão

O PULMÃO É UM ÓRGÃO de forma piramidal, de consistência esponjosa, cor-de-rosa, localizado na caixa torácica e recoberto por uma membrana protetora chamada pleura. O corpo humano possui dois pulmões, divididos em segmentos chamados de lobos; o pulmão esquerdo tem dois lobos e o direito, três. O direito é mais espesso e mais largo que o esquerdo e também um pouco mais curto. As duas principais funções dos pulmões são: oxigenar o sangue e eliminar o dióxido de carbono.

Falta de ar, dor no peito frequentemente, fadiga, padrão respiratório anormal, perda de peso e falta de apetite, são sintomas de deficiência no órgão. As principais doenças do órgão responsável pela respiração são: atelectasia (colapso de um segmento do pulmão), pneumonia, doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), bronquiectasia (dilatação irreversível dos brônquios), enfisema e asma. Nesses casos, deve procurar um clínico geral ou o pneumologista, médico especialista em pulmão.

Para manter bem os pulmões, deve-se evitar danos para a função pulmonar. Eliminar a exposição à fumaça do tabaco, evitar alérgenos (substância capaz de desencadear uma reação alérgica), poluentes ambientais e a exposição ao asbesto

(amianto), evitar imobilidade física prolongada. Espirometria, radiografia de tórax e tomografia computadorizada são exames que detectam doenças no pulmão.

O transplante é um procedimento cirúrgico que consiste na transferência do órgão de um indivíduo para outro a fim de recuperar a função perdida. No transplante de pulmão se implanta um pulmão sadio em um indivíduo portador de doença pulmonar terminal. Esse novo pulmão passará a desempenhar as funções que os pulmões doentes não conseguem mais manter.

Um transplante pulmonar pode envolver um ou ambos os pulmões, se for de doador falecido e apenas um, se for de doador vivo. Na maior parte dos casos apenas um pulmão é transplantado.

De acordo com dados do Ministério da Saúde, o transplante de pulmão só é indicado para pessoas com funções irreversíveis no órgão. Fibrose pulmonar primária ou secundária, doença pulmonar obstrutiva crônica, bronquiectasias, hipertensão pulmonar e fibrose cística representam as indicações mais frequentes.

Para ser chamado para o transplante, o receptor deve estar inscrito em uma lista de espera, respeitando-se a ordem de inscrição, a compatibilidade e a gravidade de cada caso. A

lista é única por estado ou por região e monitorada pelo Sistema Nacional de Transplantes (SNT) e por órgãos de controle federais. Isso impossibilita que uma pessoa conste em mais de uma lista, ou que a ordem legal não seja obedecida.

Se existe um doador elegível (com morte encefálica confirmada), e após autorização da família para que ocorra a retirada dos órgãos, a Central de Transplantes emite a lista dos potenciais receptores e informa as respectivas equipes de transplante que os atende.

O tempo de espera por um transplante depende de diversos fatores, como das características genéticas de quem vai receber e do seu estado de saúde. O tempo médio de espera para os transplantes de pulmão é de 10 meses.

Depois do transplante, a sobrevida dos transplantados tem sido cada vez maior. O valor médio aproximado de sobrevida, depois de cinco anos, é de 60% para o enxerto e para o paciente. O transplante não é cura. É um tratamento para prolongar a vida com uma melhor qualidade.

Depois do transplante as consultas devem manter uma periodicidade atestada pelo médico. Em casos de rejeição, poderá ser oferecido um novo transplante ao paciente.

Mãos de anjos

JOSÉ DE JESUS PEIXOTO CAMARGO é o chefe do Serviço de Cirurgia Torácica e Coordenador do Grupo de Transplante Pulmonar da Santa Casa de Porto Alegre. Nasceu em Vacaria, em 6 de agosto de 1946. Tem três irmãos e é casado, há 45 anos, com Marília, mãe dos filhos Fábio e Camilla. A caçula seguiu o mesmo caminho do pai: cuida de doentes.

Depois de várias tentativas, Dr. Camargo me recebeu num início de tarde de janeiro de 2015. Um sol forte mudava a paisagem acinzentada da capital.

Alto, cabelos brancos e um sotaque gaúcho carregado. Dr. Camargo tem uma vasta exposição midiática. Usava camisa azulada, calça e sapatos pretos.

No escritório de Camargo, no primeiro andar do Pavilhão, armários de madeira envernizados, livros enfileirados nas estantes embutidas, alguns objetos rústicos e diplomas nas paredes, dão vida ao homem alto de pele morena que mais transplanta pessoas com problemas pulmonares no Brasil. Dr. Camargo é alto, tem cabelos ralos e brancos na cabeça e aparenta ter menos idade do que realmente tem.

A trajetória de Dr. Camargo, conhecido mundialmente, começou em 1970. Coursou medicina na Universidade Federal

do Rio Grande do Sul (UFRGS), especializou-se em cirurgia torácica e cursou pós-graduação na renomada Clínica Mayo, em Minnesota, nos Estados Unidos. Quando se fala em transplante de pulmão, seu nome aparece como pioneiro na América Latina. Camargo realizou o primeiro transplante duplo de pulmão no Brasil e é professor na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

O chefe da equipe que mais transplanta pulmões no Brasil é, ainda, o diretor da Cirurgia Torácica do Pavilhão e do Centro de Transplantes da Santa Casa de Misericórdia. Em seu currículo constam 20 cirurgias por semana, entre procedimentos de médio e grande porte, e uma média de 25 transplantes por ano.

A equipe de Dr. Camargo já alcançou a marca de mais de 500 transplantados. O número recorde foi em 24 de dezembro de 2015. Camargo é autor de diversos livros, centenas de publicações científicas e assina uma coluna no Zero Hora, jornal de grande circulação de Porto Alegre.

O pneumologista, em seus escritos, carrega uma característica de se colocar no lugar do outro. Diz que ser médico é um grande exercício diário de humanidade e pontua a parceria com o paciente, a solidariedade e ser tecnicamente competente como primordiais na vida profissional. O médico circula pelas

ruas do Complexo Hospitalar normalmente, cumprimenta as pessoas e dá bom dia aonde chega.

Devorador de livros. Não dorme sem ler. Apaixonado por Philip Roth e José Saramago, já leu tudo sobre Saramago. Também é apaixonado pelo argentino Julio Cortázar e fã da clássica frase de Guimarães Rosa: “A vida é assim. Ela aperta, depois afrouxa. Ela aquece, depois esfria. Ela sossega, depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

José Camargo não é religioso. Tem uma rotina de operar até 10 horas por dia e consegue ir para casa sem sinal algum de cansaço. Várias vezes já se viu indo dormir, o telefone tocar e saber do surgimento de um doador. Sente-se orgulhoso a cada procedimento bem sucedido.

Enquanto conversava comigo naquela tarde, a sua mesa estava decorada com uma lata de refrigerante, um copo com um líquido escuro, parecendo café, e um aparelho de celular, que não parava de tocar. Doutor Camargo teve de atender ao celular, apertou minha mão e saiu. O paciente, em hipótese alguma, pode esperar.

Para ser doador de órgãos e tecidos é preciso, antes de tudo, comunicar à família. A idade não é fator para a doação. Os doadores podem ser vivos, doando um dos rins, parte do fígado,

parte da medula óssea e parte do pulmão, ou mortos, pacientes em UTI com morte encefálica.

Os órgãos e tecidos que podem ser obtidos de um doador morto são: coração, pulmão, fígado, pâncreas, intestino, rim, córnea, veia, artéria, pele e osso. No caso do pulmão, existe uma peculiaridade. Os pacientes que precisam do órgão tem que morar na cidade que realiza o transplante, uma vez que a duração de pulmão ao ser retirado do cadáver é de 4h.

Existe uma fila única de espera definida pela Central de Transplantes da Secretaria de Saúde de cada estado. Após a retirada dos órgãos e tecidos, o corpo não fica deformado e é possível velar a pessoa normalmente.

Doutor Sadi estava há duas noites sem dormir quando, sorridente, abriu a porta do seu consultório, no primeiro andar do Pavilhão Pereira Filho. Um dos cardiologistas mais conceituados da região, Sadi, naquele início de manhã de janeiro de 2015 tinha um avaliação com o paciente Carlos Araújo, advogado trabalhista, pai de Paula Rouseff.

O ex-marido de Dilma Rouseff se consulta há anos com Dr. Sadi, o Coordenador Clínico do Grupo de Transplante Pulmonar da equipe de Dr. Camargo. É ele quem toma conta de seu coração, além de serem grandes colegas.

A pessoa que está há mais tempo na equipe de Dr. Camargo é o cardiologista Sadi. Nascido em Caxias do Sul, trabalha há 12 anos com o professor Camargo. Mesmo sendo colega de profissão, Sadi ainda chama o chefe da equipe de professor. Em 2004 realizou o primeiro transplante.

Pai de duas filhas, Schio se diz humanista cristão. Tem uma voz calma, é alto, usa óculos retangulares e puxa o 'né' carregado nos finais das frases. Prepara o paciente para o transplante e o acompanha até o fim da vida. Toda vez que conversa com um paciente, ele ouve com calma as palavras, mira no olho sem piscar e balança a cabeça como afirmação, como se estivesse concordando com tudo que ouve.

O médico de 42 anos tem uma grande peculiaridade. Apesar da aparência sisuda, Sadi mantém uma relação amigável com os pacientes, como se fossem grandes amigos. Nas visitas rotineiras aos quartos, ele chama o nome da pessoa pelo aumentativo. O responsável de investir em pulmões falidos não usa anel ou relógio, diz que em casa fica de bermuda, camiseta e chinelo, e trabalha de domingo a domingo, caso precise.

...

PASSAVA DAS 20H quando Fabíola Perin apontou no corredor do Pavilhão. Tinha um olhar cansado, pois havia atendido o dia

inteiro e na manhã seguinte teria uma cirurgia para realizar junto à equipe.

Fabiola Adélia Perin, 41 anos, é uma das responsáveis por captar o órgão. Quando um telefone toca chamando um paciente para o transplante, vem das mãos dela o sonho de um pulmão novo. Enquanto Fabíola analisa o órgão de alguém que já foi detectado com morte encefálica, a médica vai passando as informações para a equipe de Porto Alegre que já vai providenciando quem será o paciente compatível.

Fabiola Adélia é cirurgiã torácica do Grupo de Transplante Pulmonar da

Santa Casa de Porto Alegre. Natural de Tramandaí, Rio Grande do Sul, fez faculdade e residência de cirurgia geral em Caxias do Sul e residência de cirurgia torácica no Pavilhão Pereira Filho, com doutor Camargo. Está na equipe desde 2004. Além da profissão, ela garante ser uma realizadora de sonhos.

A tarefa que Dra. Fabíola desempenha não tem dia nem hora para acontecer. Mais do que uma profissão, é um ofício de entrega pessoal e comprometimento com o outro. Não sabe quantas vezes já chegou cansada em casa, teve de voltar para a Santa Casa e viajar horas para analisar um órgão. Quando a central de transplantes liga, Fabíola está lá, disposta.

O principal transporte utilizado é um avião da FAB (Força Aérea Brasileira), disponibilizado à equipe na hora que precisar. Se a viagem for perto, vai de carro.

Nessa nobre tarefa de salvar vidas, não é apenas o órgão que a médica resgata. A tarefa mais difícil é resgatar a confiança da família do ente falecido que está doando. Além de chorar a morte, ter que ajudar outra família que pede vida. Com os olhos marejados, a sensação da rotina de Fabíola é de tristeza e alegria. Enquanto anuncia a morte de um alguém, ela salva a vida de um outro.

Na viagem de volta até o Hospital, Fabíola vem com o órgão dentro da caixa térmica nas mãos. Uma guardiã a viagem toda. “Sou um pouco neurótica”, diz sorrindo, deixando à mostra os dentes brancos e bem alinhados, resultado de um bom dentista.

Da captação até o transplante, o pulmão dura até seis horas. Não pode passar daí. Por isso que muitos pulmões se perdem por conta do tempo. Como uma técnica, Perin sentencia que a função dela é levar um pulmão bom. “O receptor tem que receber um bom pulmão”, afirma.

...

É NA REABILITAÇÃO PULMONAR que os laços começam. É lá que eles encontram os mesmos problemas e angústias e,

com isso, se fortalecem. Se encontram sempre à tarde, no horário agendado. Os sotaques se misturam e as amizades acontecem. Dali criam grandes amigos. Uma família se forma na fila de transplante pulmonar da Santa Casa de Porto Alegre.

Os pacientes candidatos ao transplante geralmente já apresentam alteração da função pulmonar que, associada ao procedimento cirúrgico, pode provocar complicações cardiorrespiratórias. Sendo assim, a fisioterapia tem papel importante no pré e pós-operatório de transplante pulmonar.

Na entrada do centro de reabilitação do Pereira Filho, está Juliessa Florian, uma moça alta com cabelos longos e loiros. Sempre risonha, Juliessa recebe um a um na porta.

Juliessa trabalha há 13 anos no centro de reabilitação. Incansavelmente, pergunta aos pacientes se estão fazendo o dever de casa direitinho. São os cinco mandamentos de Juliessa: tomar o remédio, fazer exercício regular, ter uma alimentação balanceada, manter as mãos higienizadas e tomar água.

De Caxias do Sul, Florian é graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário Metodista do IPA (2000) e tem especialização em Ciências do Movimento pela UFRGS. É mestre em Ciências da Pneumologia UFRGS (2010), cujo tema da dissertação foi “O impacto da reabilitação pulmonar na qualidade de vida e

na capacidade funcional de pacientes em lista de espera para transplante pulmonar”. Juliessa é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Pneumológicas.

Juliessa se sente responsável nesse processo com os pacientes. Humanização é o lema que ela carrega ao ouvir as histórias dos pacientes e acompanhantes que ela atende nas tardes alegres de Porto Alegre. A reabilitação é a única diversão para alguns pacientes. Juliessa acompanha o paciente antes e depois do transplante. Por isso a relação tão confiável a quem dedica sua vida a cuidar dessas vidas sofridas.

...

OS COQUEIROS DO COMPLEXO balançavam com tanta velocidade que as pessoas paravam para olhar os galhos barulhentos. Na cafeteria, ao lado do museu da Santa Casa, estava a psiquiatra Nicole Campagnolo depois de um dia inteiro de trabalho. O sol ainda batia na porta de vidro e os pássaros, também cansados do dia, procuravam seu ninho nas árvores da Santa Casa.

Graduada em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e especializada em Psiquiatria pela Fundação Universitária Mário Martins, Nicole está na equipe de transplante

de Dr. Camargo como uma mediadora, dando suporte tanto ao paciente quanto ao acompanhante.

Apesar do ambiente do café ser elegante, com cadeiras coloridas com almofadas no assento, as pessoas que estavam em volta tinham um olhar triste e cansado. O assunto que mais chega às mãos de Nicole é quando se fala em relação sexual e chantagens emocionais. São esses aspectos que ela tenta conversar entre os envolvidos da fila de transplante.

Longe da família, dos amigos e de seu verdadeiro habitat, os pacientes se assustam com tudo que é novo e acabam se desesperando até se adaptarem à nova vida. Tem encontros em grupos, com o casal e o encontro individual.

Nos encontros, eles acabam se identificando com os outros colegas de fila. Nicole, em suas costumeiras reuniões, tenta passar para eles que a morte faz parte do processo.

Gaúcha, em quase todo final de frase ela fala “bah”. Disse que é triste ver os acompanhantes adoecerem na triste realidade da fila e com os transtornos bipolares dos companheiros. “Todos têm a doença pulmonar, mas acabam sendo acometidos por outras doenças pessoais”, explica. Nicole gesticulava com fatura, suas mãos subiam e desciam, o que fazia com que a aliança batesse na mesa de mármore.

“Tem pessoas que são controladoras, mas já eram antes da doença afetar e a doença se torna uma justificativa. É uma espécie de egoísmo”, conta.

...

A COORDENADORA do transplante pulmonar é uma paulistana que trabalha há 20 anos na equipe. Kelly Zimpek Teixeira tem formação em gestão de recursos humanos, é espírita, casada e tem dois filhos.

Kelly sabe mais de cada paciente do que da própria vida. É dela a responsabilidade de cuidar de cada pasta com os documentos, instruir os pacientes, ser uma porta voz aos que chegam na fila.

Kelly é uma espécie de terapeuta. Conversa encarando nos olhos da pessoa e suas mãos sempre estão unidas, apoiadas na mesa e com uma caneta entre os dedos. Na sala de Kelly, a porta azul sempre está aberta. Apesar de estar dentro do Hospital, o local não tem nenhuma semelhança com o ambiente.

Na rotina de Kelly, ela lembra de vários acontecimentos que marcaram sua vida naquele estabelecimento de cuidar de vidas. Diz que todo dia ao ir para casa sai bem melhor quando vê as histórias de superação das pessoas. “Me sinto gratificada”, afirma.

Ela lembra que a fila de transplante pulmonar costuma ter 65 pessoas à espera e uma média de 25 transplantes realizados por ano, além de 25 mortes. “Só em chegar aqui o paciente já pode se considerar um vencedor”, garante.

A menina da coordenação, como é carinhosamente chamada, cita vários casos que ela não cansa de presenciar. Lembra, com os olhos banhados de lágrimas, do homem que morreu de acidente depois do transplante.

“Viver é para os insistentes.”

Eliane Brum

A MÚSICA DE MOAB



“Pai, não sei se viverei amanhã. Tá difícil! Sinto o entusiasmo da inspiração como um último suspiro da difícil respiração: a razão de viver. Quem tem DPCO, como eu, sabe do que falo”.
(Moab)

“Embora pleno o meu peito/ Vazio sempre há de estar/
Enquanto um irmão no leito/ Mendinga um pouco de ar.” Seu pai e seu amigo, RCalva.

“SÃO PAULO NÃO FEZ o seu transplante, mas eu faço”. Foram essas palavras, de Dr. Camargo, que ressuscitaram o homem que vivia morto. Na manhã de 11 de outubro de 2011, quando desembarcou em Porto Alegre, Moab só tinha 15% de capacidade respiratória, 39 quilos, uma roupa no corpo que lhe engolia e uma barba gigante. Sentiu alegria. Tudo que queria

ouvir era uma notícia como essa. A sentença de morte de Moab já havia sido declarada pela equipe do Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Naquele dia de outubro, um homem morto voltava a viver.

Em 1970 a família Cavalcanti, genuinamente paraibana, mas moradora de Brasília enterrava uma filha por problemas pulmonares. De uma morte, nasceu o primeiro filho homem com uma doença que já tinha ameaçado a alegria do casal Rivaldo Guedes Cavalcanti e Maria Margarida Alves. Por ironia do destino, no dia 20 de agosto, no mesmo ano que a família chorou a dor da perda de um filho, dona Maria deu à luz a Moab Cavalcanti. Moab veio ao mundo pesando cinco quilos, pele branca, uma cabeleira preta e uma doença que até para pronunciar dá trabalho. Moab nasceu com Hipogamaglobulinemia, doença em que seus pacientes ficam predispostos a infecções recorrentes do trato respiratório superior e inferior. Moab sofria de DPOC (Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica).

Moab Alves Lira Cavalcanti é magro, tem cabelos grandes e um olhar de tristeza. Sua pele branca e barba sempre a fazer dão significado ao homem que tem como devoção o rock. Mais que uma homenagem, o rock em Moab é levado como uma crença. Nas ruas de Brasília, berço político e palco do rock nacional, a

juventude do garoto de classe média sempre foi de aventuras. Pintou e bordou na conceituada Escola Marista e, apesar de se identificar como baderneiro, sempre mostrava aos pais seus boletins com notas azuis.

Da escola Moab era um sobrevivente. Sempre foi. Aos 12 anos, o pai ensinou o caminho do trabalho, obrigando-o a bater ponto no comércio de papelaria e gráfica da família. “Eu era arrogante e intolerante”, foi assim que Moab classificou o garoto classe média brasiliense que atormentou a vida - a própria vida - na capital do país, numa tarde abafada no quarto na Santa Casa.

Na juventude dos anos 1980, o brasiliense escrevia um jornal com os colegas na efervescente capital do Brasil. Não queria compromisso com mulher nem com família. Queria provar da vida em goles pequenos. Às vezes, em goles demasiados. No jornal da juventude, os assuntos mais discutidos eram rock, futebol e, claro, mulher pelada.

Moab era um verdadeiro revolucionário nas ruas do distrito federal. Mesmo fã do sambista Cartola e apaixonado pelas canções de Luiz Gonzaga, foi nas músicas de Renato Russo que Moab se inspirou para a vida. No famoso bar Beirute, reduto da boemia brasiliense e ponto de encontro de grandes nomes do rock nacional, Moab passava horas observando o vai e vem dos

grandes Herbert Viana e Renato Russo nas mesas do bar mais badalado da capital. Parceiro de rua e dos encontros de rock em Brasília, Dinho Ouro Preto, o cantor famoso de Capital Inicial, admirava, juntamente com o jovem Moab, as conversas dos seus ídolos e famosos do rock.

No endereço famoso de Brasília, no número 109 na Asa Sul, há quase meio século funciona o Beirute Bar. Foi no ponto de encontro de políticos, jornalistas, artistas que Moab viu Renato Russo, ex-líder da banda Legião Urbana, compor, na mesa 58, a música “Eu sei”. Uma verdadeira reza para o roqueiro.

Na juventude, mesmo com a respiração lhe cansando, e seus pais na infância lhe privando de coisas básicas que pertenciam à criança, como tomar sorvete, andar descalço e não brincar com areia, Moab foi capaz de viver uma verdadeira lua de mel com a vida.

O homem que conheceu o mundo e andava alucinado nos anos 1980 na profana Brasília, amou e fez sexo suado até perder o fôlego – o pouco fôlego que lhe restava - e também gozou loucamente. Moab fumou maconha ao som de Renato Russo e conheceu muita mulher nas noites de rock nos festivais país afora.

Mesmo com uma condição financeira equilibrada, o vínculo desde os 12 anos com o trabalho do pai na gráfica condicionou

sua rotina na capital federal. O homem que cultivava os cabelos grandes, emoldurando o rosto miúdo, viveu os anos 1980. Viveu com todas as letras de Herbert Viana.

Fã de rock independente, Lira Cavalcanti foi sócio da gráfica CMYK, ao lado do irmão, Marcos. Ajudou na promoção de shows independentes e, nos últimos anos, havia se tornado sócio de Natinho (dono da Kingdom Comics) da Kingdom Black, loja no Conic especializada em produtos sobre samba, rap e música brasileira.

Moab participava anualmente dos 150 festivais de rock país afora. Era tão obrigatório cumprir essa agenda quanto a preocupação de comer ou tomar banho. Em 2001, em um desses festivais, onde a cor preta e a liberdade de ser feliz invadiam uma dessas festas alternativas, Moab viu uma moça passar e foi impactado completamente. “Eu guardei o rosto dela”, confessou com os olhos brilhando de paixão.

Diferente dos versos do poema de Charles Baudelaire, onde uma mulher, que poderia ser um grande amor de um homem, some aos olhos do pretendente para nunca mais voltar, o semblante da morena de cabelos curtos, com calça preta ajustada, deixando as pernas bem torneadas, ficou impregnado na cabeça do roqueiro.

Do encontro de olhares ao primeiro beijo no show do cantor Otto, Simone Andrade Rezende se tornou a esposa de Moab Lira. Companheira de vida, Simone é alta, tem a pele morena e aparenta ter menos dos que seus 32 anos. A sobancelha bem contornada e o cabelo preto e liso enfeitam o rosto da “neguinha” da vida de Moab, como é carinhosamente chamada pelo marido. Nascida em Brasília e vivendo até os 18 anos em Belo Horizonte, Simone carrega um sotaque mineiro bem forte e interpreta as palavras de forma bem acentuada, o que faz com que sua boca, de lábios carnudos e batons escuros, prendam a atenção de quem a ouve.

O dia que mais brilhou em minha vida

MOAB CHEGOU EM PORTO ALEGRE com a roupa do corpo pensando que era só uma consulta. Quando sentou diante de Camargo, o doutor ídolo de Moab, precisou colocar uma almofada na cadeira e sentar em cima. Os ossos da bunda lhe causavam dor, tamanho era o estado degradante do jovem brasileiro. Seu corpo só tinha couro.

Saindo da consulta foi direto para o internamento. Começava naquele momento o tratamento para, enfim, entrar na fila de espera do tão sonhado pulmão. O casal ficou 30 dias

internado no Pavilhão Pereira Filho até ir para o hotel e depois para o apartamento alugado pela família que hospedaria Moab e Simone na capital gaúcha.

No hotel, sofreu preconceito com a sua magreza. “Eu parecia um tuberculoso. Meu corpo não aguentava a reabilitação”, lembrou. Antes do transplante, Simone fazia uma verdadeira maratona para dormir. Preocupada com a pouca respiração que restava no companheiro, colocava a mão no peito para sentir o movimento. Durante anos esse ritmo invadiu as madrugadas de Simone.

Passava das 19h do dia 15 de setembro de 2012 quando o telefone tocou. Moab e Simone tinham acabado de chegar do aniversário de um amigo que também estava na fila. Foram 11 meses e 15 dias de espera. Simone atendeu ao telefone e logo em seguida passou para o esposo. Era por ele que uma voz feminina, do outro lado da ligação, chamava. “Chegou o pulmão que dá certo para você. Vem pra cá agora”, dizia a voz feminina que Moab, de tão eufórico, nem perguntou quem era.

Ali foi como ganhar numa loteria. Seguiu de carro para a Santa Casa explodindo de felicidade. Ele, (camisa de rock, calça preta, um sorriso apreensivo e uma barba assustadora) Simone e o pai, Rivaldo. Mesmo se desse incompatível, Moab já estava feliz. O tão esperado telefonema aconteceu.

Fez os procedimentos preparatórios e o pulmão era mesmo dele. Moab fez o transplante no centro cirúrgico do Dom Vicente Scherer, no 3º andar, durante toda a madrugada. Ele viu quando uma equipe chegou com um isopor com o órgão. Vermelha, a caixa. Estava em cima de uma mesa próxima à cama. Moab recebeu uma agulhada no braço e apagou.

Acordou na UTI, amarrado pernas e braços, entubado, rosto inchado e os lábios roxos. Dois dias e meio depois, Moab já estava desentubado e respirando. Ele não lembrava mais como era que fazia para respirar. A respiração de Moab voltou, feito mágica.

Era um grande acontecimento em sua vida e na vida dos familiares e amigos próximos. Depois de 15 anos sem ar, Moab voltava a respirar. No primeiro banho, no banheiro apertado do hospital, Moab chorava que nem menino, tamanha sensação de voltar a viver. Abaixou e lavou o pé por minutos sem parar. Essa cena Moab contava com os olhos transbordando de lágrimas.

Com cinco horas após o transplante foi desentubado, dois dias, já largava os primeiros passos na sala da UTI e seguiu para o quarto. Com 13 dias, estava em casa, Porto Alegre. Com três meses, Brasília te esperava para passar o natal.

Ao desembarcar, gritos, faixas e champanhe esperavam Moab e Simone. Familiares e amigos ficaram pasmos com o

homem que estava pesando 68 quilos. No aeroporto Juscelino Kubitschek, um outro Moab surgia.

Tudo novo de novo

NA PRIMEIRA VEZ QUE MOAB me recebeu estava sentado na cama e sem camisa. A barriga dele fazia um movimento constante para dentro e para fora, o que demonstrava um enorme esforço para respirar. Enquanto conversava, Moab tossia forte e jorrava para dentro de um recipiente plástico, próximo à cama, uma secreção amarelada. Toda vez que Moab tossia e jogava o catarro fora, a cama estremecia, seu rosto ficava vermelho e suas veias do pescoço ficavam caudalosas. O esforço constante era necessário para tirar o máximo que pudesse do líquido pastoso que, mais uma vez, queria destruir o seu novo pulmão.

Eu era um jornalista que havia decidido me debruçar em histórias de pessoas que vivem em filas de transplante e Moab estava em Porto Alegre fazendo revisões para controlar a bactéria instaurada em seu novo pulmão. Como não tinha previsão de alta, Moab e Simone decidiram alugar um apartamento no centro de Porto Alegre, na rua Duque de Caxias, 1623.

A chuva fina insistia cair em Porto Alegre na primeira semana de janeiro de 2015. Apesar dos pingos fracos, o mormaço

era tão intenso, média de 32 graus com uma sensação térmica de 38, que nem as árvores balançavam nas ruas da capital mais arborizada do país. A falta do assóvio das árvores centenárias, tão presente em qualquer época do ano, deixava triste o semblante e mais pálida a pele de Moab Cavalcanti.

Moab não era professor, engenheiro ou advogado, diferente dos parceiros de fila, ele era adepto do rock. O cabelo grande e as vestimentas predominantemente pretas revelam, logo de cara, o gosto musical do brasiliense. Entre o amor com Simone e as festas imperdíveis, Moab adquiriu 22 pneumonias ao longo da vida, mas mesmo assim era presença confirmada nas festas pelo Brasil.

Os óculos largos de armação grossa e quadrada, dando um ar de professor universitário, escorregavam pelo nariz quando seu corpo era sacudido pelas tosses contumazes. Moab, constantemente, tentava explicar que o transplante de pulmão, tão aguardado ainda pelos parceiros de fila, era um paliativo para viver mais tranquilo. “O transplante é uma melhora na condição de vida, mas não a cura”, conformava-se e tentava explicar, de forma metódica, como adquiriu essa bactéria, causada pela doença rara que lhe acompanhava desde o nascimento. Moab voltou a viver entre o hospital e seu apartamento.

Os raios de sol escapavam pela falha da persiana quando Moab acordou. Estava novamente internado para tomar uma medicação. Coube ao médico Sadi, coordenador da equipe, falar ao roqueiro que ele teria que, mais uma vez, voltar à fila. Seu pulmão estava todo afetado com a bactéria e o único jeito de Moab respirar sem oxigênio era encarar a traumática fila.

Moab teve de deixar Brasília e começou do zero a luta por um pulmão. No momento em que Moab narrava sua história com o novo pulmão, recebeu a notícia que o novo pulmão também estava perdido. O homem que narra como foi a luta na fila tenta esquecer que voltara para a fila de novo

Simone sofreu com o impacto. O filme já estava passando na cabeça. Mais anos, mais incertezas e um legado que ela jamais imaginara passar de novo. Já Moab, não. Tentava esquecer e encarava tudo com tranquilidade. Dizia que depois do retransplante ia estar mais presente com os amigos, comer uma boa comida, trabalhar comedidamente e se dedicar a coisas mais simples. “Antes, com o pulmão novo, eu achava que era um super homem”, dizia encarando a parede enquanto Simone derrubava lágrimas no sofá de couro do apartamento do hospital.

O casal já tinha 12 anos de casados. Para Simone, o que mais a deixava triste era a distância da família. “É muito difícil

ver as fotos nas redes de sua família festejando aniversário e datas festivas, e você aqui”, desabafa.

Assim como o cristão fanático carrega uma bíblia, Simone tem em seu pescoço um colar de uma caveira. Na linguagem do rock é sinônimo de igualdade. O colar persona foi presente de natal do marido um ano antes de ser transplantado em Porto Alegre.

“Quando eu estava bom, as pessoas se espelhavam em mim, paravam pra conversar. Agora que estou só o cadáver, acabou”, lamenta o brasiliense. Na época em que foi transplantado, o corpo de Moab era referência para os que estavam ansiosos na fila. Cotidianamente, Moab, sorridente, levantava a camisa para mostrar o corte debaixo do peito cicatrizado, contava da recuperação rápida e de como tudo tinha dado certo.

Na rotina da reabilitação, Moab usava tênis, um boné vermelho na cabeleira volumosa com alguns cabelos brancos escapando e o concentrador portátil de oxigênio pendurado em seu ombro.

A última vez que entrevistei Moab, ele colocou uma música e pediu que eu ouvisse até o fim. Luz Negra, de Nelson Cavaquinho, que traz a seguinte letra: “Sempre só. E a vida vai seguindo... vai seguindo assim. Não tenho quem tem dó de mim. Tô chegando ao fim”.

Moab voltou a ser um paciente regular, cumpria com os afazeres que a equipe lhe pedia, frequentava a reabilitação nos dias marcados e tinha uma alimentação controlada. Simone se preocupava com a alimentação de Moab. A todo momento oferecia comida e frutas. Falava com os familiares diariamente por telefone e Simone cumpria seu papel de acompanhante do marido. Resolvia questões de banco, e mantinha o diálogo frequente com a equipe de transplantes.

Da capital abafada ao frio gaúcho, Moab sentia dificuldades ao se locomover pelo minúsculo apartamento que o hospedava em Porto Alegre. Longe da sua residência na capital federal, no Jardim Botânico, bairro nobre de Brasília, Moab compartilhava seus dias de vida em dois cômodos, bem próximo à Santa Casa, na importante Rua Duque de Caxias, próximo ao Palácio Piratini, sede do governo gaúcho.

Quarto e sala faziam parte da mesma repartição espaçosa do apartamento do centro da cidade. Era na larga janela do 9º andar, que tinha visão para prédios históricos e inacabados, resultado do tempo sobre a construção antiga da cidade, que ele passava os dias apreciando o céu nublado, diferente da paisagem azul de Brasília. Sentado na cama larga box, com um lençol verde escondendo o colchão branco ortopédico, Moab tinha os pés

alvos e as unhas estavam sempre bem aparadas. Falava da crise política existente no país, música e arte.

Simone prepara a ceia de natal. Um pernil com abacaxi foi o cardápio escolhido por Moab naquele 24 de dezembro de 2015. O telefone tocou. Mais um pulo. O novo pulmão chegou. Moab tremia e alegre seguiu para o hospital.

Moab abraçou Simone e entrou para a preparação do transplante. Era festa na Santa Casa. A equipe estava feliz porque iria começar o transplante pulmonar de número 500 no Brasil. Um orgulho, sendo então um retransplante e logo no natal.

O agitador cultural de Brasília fez o transplante na madrugada. Várias complicações de rejeição do órgão abateram o estado de saúde do paciente. Quando Simone entrou na sala da UTI, ele estava com o corpo mais branco do que era, estava pálido e a boca machucada, por causa da intubação.

Não conseguiu ficar muito tempo. Disse a ele, olhando para o corpo cheio de aparelhos, que tudo tinha valido a pena. Disse que tinha muito orgulho de tê-lo escolhido para amar, entregar os sonhos e ter feito parte daquela história.

Dia 28 de dezembro, aos 45 anos, Moab morreu. Simone sempre trabalhou com a hipótese de dar tudo certo. E deu certo. Ele fez o transplante duas vezes. Encarou a dura rotina duas

vezes, sorrindo. Eles sonhavam em ter um filho, mas nunca conseguiram, nem mesmo adotar. Sempre essa possibilidade ficava para segundo plano. O tratamento de Moab era prioridade. Moab foi enterrado dia 30, na capela um do Cemitério Campo da Esperança (Asa Sul), em Brasília. No enterro, a cena cultural do distrito federal chorou.

Na última vez que me despedi de Moab, no hospital, ele me deu um abraço apertado e demorado e me desejou uma boa viagem de volta a Sergipe. Disse que não sabia se estaria vivo para ler a sua história, porque o fardo estava pesado demais. Mas, antes de eu abrir a porta da sala e partir, ele me pediu uma coisa: “Avise a todos os colegas da fila que vale a pena esperar”.

“O acontecer do amor e da morte
desmascaram nossa patética fragilidade”

Caio Fernando Abreu

O SAPATO DE CRIOULA



QUANDO NILCE DESEMBARCOU no Salgado Filho, o Aeroporto Internacional de Porto Alegre, seus cabelos cacheados revoltaram-se contra seu rosto. O vento forte do sul do país, que se encarregou de receber a sergipana, deixou Nilce desnorreada com tamanha intensidade de recepção. Ela não sabia se segurava os cabelos rebelados ou amparava as malas. Tinha deixado tudo para trás. As filhas, os netos, o comércio e sua mãe. Tudo que tinha levado eram algumas mudas de roupas na bagagem e um sorriso cheio de dentes. Ela tinha acabado de fazer um grande ato que mudaria para sempre seu destino. Na tentativa de salvar a vida de Roberto, Nilce tinha decidido abrir mão da sua própria vida.

Nilce Araújo chegou a Porto Alegre na manhã do dia 11 de setembro de 2012. Era um lugar desconhecido, aquele.

Vento gelado, pessoas caminhando de forma frenética, árvores assoviando e casacos que cobriam corpos inteiros e friorentos. Mas era ali a única alternativa encontrada capaz de estabelecer a saúde do esposo.

Roberto chegava mais tarde, em um avião particular, com todo o procedimento médico necessário para o deslocamento dele até a capital gaúcha. A respiração fraca de Roberto não permitia que atravessasse o Brasil, de Sergipe ao Rio Grande do Sul, em um voo comercial sem aparato.

Foram 20 dias dentro da Santa Casa, no Pavilhão Pereira Filho, sob os cuidados da equipe de Dr. Camargo. Roberto estava feliz, conseguiu entrar na fila, seu condicionamento físico estava bom. Nilce já providenciara o apartamento que iria acolher o casal em Porto Alegre. A cidade já não estava cinza e triste como no dia em que chegaram.

José Roberto Pereira da Silva recebeu o diagnóstico, ainda em Sergipe, que sofria de enfisema pulmonar. Uma doença degenerativa que geralmente se desenvolve depois de muitos anos de agressão aos tecidos do pulmão devido ao cigarro e outras toxinas no ar. Foi um longo caminho até a descoberta da doença. Foram anos de falta de ar e remédios paliativos. Foram diversas consultas entre médicos e especialistas no interior e na capital

sergipana. Roberto descobriu doutor Adriano Caldas, especialista em pulmão. Dr. Adriano foi quem falou sobre Dr. Camargo em Porto Alegre, disse que era um dos mais conceituados no país e foi o médico pelo qual ele se tornara especialista. Adriano foi aluno de Camargo.

...

DEBRUÇADO NA JANELA, com os braços sustentando o seu corpo magro na sacada, Roberto passava horas observando o vai e vem de pessoas e carros atordoados pela Avenida Independência, umas das mais importantes ruas do centro da capital gaúcha. As buzinas constantes e as freadas bruscas, fazendo com que os pneus gritassem no tapete asfáltico de Porto Alegre, soavam como uma melodia em sua cabeça. Se dentro do seu corpo um escuro pulmão interrompia sua respiração, as luzes dos faróis dos carros enfileirados iluminavam sua rotina de esperar por um pulmão no sul do país. De barulho Roberto era um sobrevivente. Aos gritos dos alunos na escola, o diretor era acostumado fazia anos.

Toda vez que Roberto via uma criança com mochilas nas costas, sapato azul e farda escolar, um mar de tristeza alimentava ainda mais sua angústia. Na varanda de seu apartamento,

Roberto esticava o pescoço para alcançar o olhar, até perder de vista, as crianças chegando ao Colégio do Rosário, tradicional escola gaúcha. A sacada do apartamento de Roberto era uma companheira e tanto.

Da sacada, Roberto encarava compenetrado para o terraço do Hospital Dom Vicente Scherer, imaginando o dia em que seu órgão chegaria ali pousando de helicóptero e fazendo um vendaval no heliporto do departamento da Santa Casa responsável por fazer transplante. Quando algum helicóptero rasgava o céu de Porto Alegre, Roberto não desgrudava do celular que, a qualquer momento poderia tocar chamando-o às pressas para trocar seu pulmão.

Durante a semana, Roberto tinha atividade e uma agenda lotada. Dos telefones para acertar coisas da escola ao centro de reabilitação, era assim a rotina do paciente. Se na semana as horas voavam, os sábados e domingos eram longos demais. Uma eternidade para o casal sergipano.

Na caminhada até a reabilitação, Nilce andava com Roberto como se estivesse carregando uma obra de arte que não podia se quebrar. Com cuidado, ela segurava em um de seus braços finos e, lado a lado, caminhavam até a ala do Hospital para fazer fisioterapia. Qualquer ventania causaria um estrago sem

precedentes naquele corpo pequeno, leve e vulnerável. Certa tarde, como outra qualquer, de sol se escondendo e pessoas transitando velozmente pelas ruas, Roberto viu uma senhora ser arremessada por um veículo.

As filhas, Roberta, Raphaela e Raquel, iam a cada três meses visitar os pais. A cada chegada, um mar de alegria invadia a vida do casal. Na partida, um vendaval de choros altos e abraços apertados.

Roberto sentia falta da escola. Todo dia telefonava para saber como estava o trâmite burocrático, os professores e os alunos. Ele até perguntava, especialmente, por alguns alunos que ele lembrava do nome.

O sol tímido, que em dia de frio costuma se esconder em Porto Alegre, entre as nuvens pesadas, era o principal responsável por deixar os dias mais tristes para José Roberto dos Santos. Longe de casa, não por escolha, mas por única opção de vida, Roberto queria entender o porquê de a vida lhe determinar e obrigar tamanha brutalidade de ir para tão longe de sua casa. Não foi só o teto que Roberto deixou em Sergipe, seu reduto de vida e talvez de morte, mas o inhame, a macaxeira, o cuscuz... Por mais que Nilce escolhesse os mais conservados do mercado público de Porto Alegre e preparasse com todo o capricho, não ficava com o mesmo sabor da comida genuinamente sergipana.

Na estante de madeira encostada na parede e descascada com a força do tempo, os netos davam risada no retrato emoldurado. João, Andrey e Neto com sorrisos largos, vigiando os passos do avô, pareciam não entender que Roberto quando olhava para a foto dos netos sorrindo, seus olhos jorravam de lágrimas. Roberto comia inhame com o sabor salgado do choro, tamanha sua saudade da terra natal.

A visita da irmã, Fátima Araújo, em meados de março de 2013, com quem dividiu o sonho de construir a escola em Lagarto, deixou José motivado mais ainda quando soube que tudo em Sergipe andava bem, que a escola estava cheia de alunos e que as pessoas, mesmo sem a presença dele, cuidavam do colégio com capricho. Disse ainda que os alunos e toda a família Mundial esperavam ansiosamente pelo dia em que ele voltaria a Sergipe para retomar as suas atividades.

Na volta de Fátima, um abraço de despedida deixou os ossos de Roberto estrangulados. Parecia um acerto de contas, um acerto de sonhos naquela madrugada em que ela pegou o voo de volta. Fátima, Nilce e Roberto lembravam de fevereiro de 1992 quando o Colégio Mundial foi inaugurado em Lagarto.

“Se fosse só sentir saudade... mas tem sempre algo mais”, como disse Renato Russo em letra de música, revela o que

Roberto sentia. De todas as circunstâncias na vida de Roberto talvez a que mais lhe deixou intrigado foi ter que abrir mão da rotina de ir todos os dias ao Colégio Mundial. A escola era sua segunda casa. Esse nome foi escolhido por causa de uma novela que passava na década de 1990 na televisão brasileira de nome Carrossel e tinha uma escola que movimentava o cenário dos atores, chamada Escola Mundial.

Muitas vezes, a casa de Roberto era a escola. Roberto conduzia com paixão, diariamente, os 50km que separam Itabaiana de Lagarto. De bancário a jogador, a função de diretor foi a que mais gostou das tarefas da vida. Mas foi em Porto Alegre que ele viveu com mais intensidade.

Na escola, uma de suas maiores paixões, se não a maior, ele era a direção, o amigo da escola, o personagem mais inquieto da escola, ele era a figura interessante da escola. Ele era, na verdade, o ser que constituía a escola. Tudo em Roberto se materializava no prédio da Avenida Zacarias Junior, centro de Lagarto, sempre com reformas, planos e projetos pela frente.

Toda vez que Roberto mencionava o nome da escola, seus olhos boiavam de lágrimas num interminável lamento nostálgico. Roberto passeava pela escola como um senhor que pastora seu rebanho. Em seu silêncio interior, com as mãos enfiadas na calça

social e caminhando a passos lentos, ele sabia que cada carteira ou objeto dentro da instituição tinha um significado, e que cada aluno dava sentido à sua vida. As paredes brancas pareciam que sempre recebiam retoques de tintas, tamanha responsabilidade de Roberto de pastorear as crianças e não deixar que melassem a alvejante parede do colégio.

Elenice Chagas da Silveira fala com orgulho dos 27 anos dedicados à instituição. Funcionária mais antiga do Mundial, desde a fundação, Nicinha, como é conhecida na cidade de Lagarto, já acumulou diversas tarefas na escola. De servente a porteira, hoje é secretária do colégio que viu Roberto investir todas as suas finanças. A funcionária lembra, com os olhos marejados, de cada tijolo e cimento que foram colocados no prédio com sacrifício e dedicação.

Numa noite de dezembro, logo após o natal, Nicinha me recebeu em sua residência. Os enfeites natalinos, pendurados na parede, sacolejavam lentamente conforme a brisa leve que alivia o imenso calor dessa época no interior de Sergipe. A casa em que Nicinha vive, espaçosa e agradável, com uma larga cozinha onde ela recebe visitas é, também, segundo ela, um patrimônio adquirido graças à insistência do ex-patrão. “Tenho essa casa graças a ele. Ele foi meu segundo pai”, diz a funcionária

emocionada, pronunciando a última frase aos prantos e passando a mão vagarosamente sobre os olhos emudecidos. Foi a pessoa que mais conviveu com Roberto na escola e sentenciou: “o colégio perdeu um pai”.

O sonho da escola começou ainda quando trabalhava no Bradesco de Itabaiana, cidade de Roberto. Na capital do agreste sergipano, como é conhecida, Itabaiana era o coração de Roberto, das filhas, da esposa e dos netos. “Foram 14 anos de banco. Saiu para construir o colégio com a irmã, que morava em Lagarto, e via naquela cidade uma perspectiva de que a escola desse certo. E deu”, lembra Nando, amigo de infância da família Pereira.

Em março de 2015, encontrei com José Sizenando dos Santos, em Itabaiana, na Atlética, clube da cidade em que Roberto passava os finais de semana com a família e com os amigos. Amigo de infância, de trabalho no banco e de lazer, Nando e Roberto tinham a mesma idade, os dois saíram do banco para construir escola. Nando, construiu em Itabaiana, Roberto, em Lagarto. Até hoje Nando se emociona quando passa pela frente da agência do Bradesco, na Rua Augusto Maynard, 97, centro da cidade.

Os cabelos brancos de Roberto

NA TARDE DO DIA 4 DE NOVEMBRO de 2011, Roberto dava um adeus ao Colégio Mundial para fazer o tratamento em Aracaju. O céu coberto de nuvens escuras parecia estar comovido com a despedida de Roberto naquele dia triste em Lagarto. Nem no sonho ele imaginara que nunca mais iria pisar seus pés naquela calçada. Os funcionários o levaram até a porta e ficaram prostrados até o carro sumir da comprida e larga Avenida Zacarias Júnior. O carro de Roberto desaparecia na estrada.

Nilce já estava disposta a largar seus compromissos e seguir para a capital sergipana com o esposo. Até a decisão de seguir para o Rio Grande do Sul foi uma verdadeira maratona entre Itabaiana e Aracaju.

Nilce de Araújo Santos Silva tinha 14 anos quando conheceu Roberto. Aos 15, noivaram. Primeiro namorado, primeiro beijo, primeiro amor de sua vida. Em sua passagem por Porto Alegre, Nilce entendeu que se podia morrer várias vezes numa única vida. A cada resultado de exame, Nilce falecia um pouco. Sua bolsa a tiracolo, carregada sempre na correria entre o trajeto de seu apartamento até a Santa Casa, aos poucos ia perdendo a esperança. As alças enfraqueciam cada vez mais. Com a voz rouca e um caminhar rápido, o sapato de Nilce estava sempre

nervoso pisoteando o chão da Santa Casa. De longe, Roberto reconhecia a pisada do sapato de Nilce e já sentenciava: “aí é crioula”.

Apesar de arrastar as palavras, Nilce ainda guarda um chiado semelhante à sua terra natal. Carioca de nascimento e sergipana por opção, aos 12 anos Nilce desbandou pelas terras de Sergipe com seus pais, que eram de Itabaiana.

Tudo em Nilce tinha se esgotado, as lágrimas secaram, uma voz rouca também ia perdendo a força, somente o amor em Nilce ficava. Passeava pelas ruas do centro de Porto Alegre toda vez que ia resolver pendências, em banco, em hospital e coisas de casa. Não podia demorar, pois tinha compromisso de remédios com Roberto.

A esperança deles era o telefone tocar e ser chamado para o transplante. O celular simples, de cor preta, ficava sempre em prontidão à espera do chamado do pulmão. Qualquer passo que fosse dado, o celular era obrigado a acompanhar o casal em qualquer que fosse o motivo da saída. Um dia, com quatro meses de fila, Roberto foi chamado para transplante. Um possível pulmão poderia ser compatível com ele. Roberto parecia desmotivado, sentiu que não ia dar certo. Na Santa Casa veio a confirmação. Não foi dessa vez.

O aparelho celular era tão importante na rotina do paciente quanto o comer, vestir, dormir. Era dele, por mais bizarro que pudesse soar, e somente dele, que o sonho do pulmão iria se materializar. “Cadê o celular, Crioula?”, gritava com frequência. Crioula era um apelido íntimo que Roberto chamava Nilce.

O apartamento do casal ficava na Rua Coronel Vicente, esquina com a Avenida Independência, em frente ao Complexo da Santa Casa, no centro de Porto Alegre. No corredor gelado e escuro do terceiro andar, exalava o cheiro do desinfetante que penetrava o nariz. O elevador era antigo e toda vez que Roberto precisava usá-lo, se assustava com o tombo brusco. Seu corpo subia e descia no elevador velho.

Antes de sair do prédio, Roberto descansava no sofá de couro preto, isolado no canto da recepção que continha sinais de descaso. Era uma napa grossa e preta, rasgada, que beliscava a perna seca de Roberto quando ele se ajeitava na poltrona.

No início de setembro de 2013, em uma noite fria típica de Porto Alegre, que dava adeus ao inverno, Roberto anuncia que quer morrer. O corpo doente não suportava tanta amargura que a vida lhe causou. Com a temperatura baixa, as tosses rotineiras se intensificaram com maior rigor, o que causou sofrimento para ele e pra quem o assistia. A roupa no corpo, comprada no manequim infantil, engolia-o cada vez mais.

Quando Roberto tossia, seu corpo sacolejava na cama. Nilce sofria a cada puxada brusca em busca de ar. A barriga do diretor fazia contração severa, deixando os músculos doloridos a cada crise que acometia os últimos dias de sua vida. O casal dormia com as mãos grudadas.

Suas angústias, mágoas e desculpas - mil desculpas - começavam a ser expostas de forma emocionante à companheira de luta da sua vida. Debruçada no leito, segurando a mão de Roberto, Nilce ouvia com frequência suas inquietudes, tristezas e até reclamações. As lágrimas de Nilce pingavam sobre o corpo miúdo e doente do companheiro, amigo, esposo. O braço roxo e cheio de hematomas denunciava a tortura dos últimos dias na vida de Roberto. Se na parte externa do corpo os sinais de destruição avançavam velozmente, dentro dele umaimensidão de descaso consumia seus últimos dias de vida. Seu corpo parecia diminuir cada vez mais. As orelhas eram a única parte no corpo de Roberto que tinham fartura.

Na larga cama do hospital, o corpo magro se perdia entre os cobertores pesados de inverno. A cada dia Roberto falecia um pouco. Primeiro foi a esperança que se foi. Roberto foi perdendo devagarinho esta que, em tese, seria a última a morrer. Depois foi a fome. Roberto já não comia. Do corpo magro que aos poucos

ia embora e da respiração ofegante quase parando, apenas, e somente, as veias dos braços e das pernas demonstravam sinal de vitalidade sobre a pele branca, enrugada e peluda. Enquanto Roberto lutava contra a falta de ar, Nilce lutava contra as faltas de Sergipe dentro dela.

No dia que Roberto esperava uma vaga pra ser transferido pra UTI, dia 21 de setembro de 2013, o sol ainda raiava no Pavilhão Pereira Filho e aos poucos ia desaparecendo entre os prédios antigos no centro de Porto Alegre. As árvores chacoalhavam fazendo um redemoinho na cidade. E as pessoas caminhavam rapidamente de volta para casa, disputando a pista com os carros.

O corpo miúdo, os cabelos totalmente brancos e a fisionomia abatida com olhos marejados, denunciavam a fragilidade daquele corpo que mais parecia uma criança em fase de crescimento. De posição fetal, Roberto esperava o chamado para a UTI. “Meu Deus!”, gritou Roberto no momento de desespero de falta de ar.

Nilce agora se desdobrava sozinha em casa. Passava a maior parte do tempo no hospital. Mesmo a visita sendo restrita a horário, meia hora pela manhã e meia hora à noite, Nilce tinha prazer de rever amigos que conheceu na Santa Casa e estavam na mesma situação de Roberto.

Na UTI, Nilce cantava segurando na mão de Roberto. Passava a mão na cabeleira branca e conversava sobre as filhas e os netos, dizia que todos estavam bem. “Nilce, me perdoe. Toda vez que eu reclamava com você era coisa da minha cabeça, não era do meu coração. Eu sempre te amei”, disse no leito da UTI.

Certa noite, Nilce foi chamada à atenção pelo fato de cantar para Roberto. Uma médica a perguntou se ela não tinha noção da gravidade do estado de saúde do marido. “Acharam que eu estava louca”, contou. Roberto fazia o sinal com o polegar para cima pedindo pra cantar. Nilce é membro da Igreja do Evangelho Quadrangular e cantava músicas de Aline Barros e Bruna Karla bem alto na UTI.

No leito, os lábios de Roberto, ressecados, revelavam um diagnóstico que aquele corpo estava devastado por dentro. As mãos inchadas, os pés já se contorciam e suas pernas estavam travadas. Uma parte de Roberto já estava morta.

O terno de Roberto

NO DIA 30 DE SETEMBRO DE 2013, Raphaela Santos Silva, a filha do meio do casal, desembarcou em Porto Alegre. Com 1,48m, 59 quilos bem distribuídos e um olhar verde, Rapha havia discutido com a mãe antes de viajar para o Sul.

Nilce pediu que Rapha levasse o terno que Roberto mais gostava de usar nos eventos da escola. O medo de Rapha era de que aquele terno preto, que tanto serviu em momentos alegres e importantes na vida de Roberto, fosse também o terno para ser usado no último acontecimento da sua vida: a morte.

A filha indagou. A mãe implorou e, enfim, o terno chegou a Porto Alegre na manhã do último dia de setembro.

Raphaela chegou e Roberto já estava na UTI, estava sonolento e ela não conseguiu conversar com ele. Voltou chorando para Sergipe, tinha compromissos profissionais.

Mesmo com todos os problemas que lhe ameaçavam, Roberto tinha um humor afiado. Piadas e anedotas eram contadas com frequência. Momentos inesquecíveis com pessoas importantes em sua vida eram lembrados. Com Nice, a moça da cantina da escola, Roberto viveu todas as alegrias da sua vida. Até mais com que com sua própria esposa. Roberto costumava dizer que sua vida era cheia de “nices”, fazendo uma referência aos nomes da amiga e da esposa. Mas sempre lembrava que a esposa possuía a consoante “L” no meio do nome, tentando explicar para as pessoas as diferenças. Maria Eunice Chagas Silveira, tem mais de 30 anos de amizade com a família e está na escola desde a fundação. Foi visitá-lo. Chegou dia 30 de setembro e ele já estava na UTI.

Nice ficou em Porto Alegre para fazer companhia a Nilce. 1h15 do dia 12 de outubro, Nilce dormia e coube a Nice atender ao telefone. Era um médico da Santa Casa pedindo a presença de algum familiar naquele momento. Nice saiu correndo, sem chamar Nilce. Já sabia que era a morte. O sofá de napa verde estava gelado na antessala da UTI. As portas se abriram e surgiu um médico, o loiro, de olhos azuis, informando que tinha feito tudo o que pôde, mas Roberto não tinha resistido.

Roberto e Fátima herdaram da mãe o amor por escola, diretora aposentada, Magnólia Lima da Silva chora quando começa a falar do filho. Teve quatro filhos e Roberto era o primogênito. Sempre se destacou como um bom aluno. Só teve uma namorada antes de Nilce. “Uma paquerinha”, lembra a mãe dizendo que o filho era um exímio jogador.

A última vez que Roberto e dona Magnólia se falaram foi em 21 de setembro de 2013. Na ligação, Roberto, com a respiração muito cansada, disse que precisava parar de falar porque parecia que estava morrendo afogado. Pediu a bênção, como de costume e largou: “mãe, estou indo”. Magnólia ajeita o óculos largo, passa a mão no rosto cheio de lágrimas e limpa a mão no vestido florido. Essa cena se repetiu diversas vezes numa tarde de março ensolarada do agreste sergipano. Roberto falava todos os dias

com a mãe, pedia a bênção antes de qualquer coisa, e disparava a contar sobre o que tinha feito no dia.

O dia 12 ficou marcado para Magnólia. Roberto nasceu dia 12 de abril de 1957 e morreu também em um dia 12, com 56 anos.

...

NILCE RECEBEU DE NICE a notícia com calma, não chorou, apenas olhava para a amiga de longas datas, paralisada. Parecia estar fora de si, vestiu um vestido preto, na altura do joelho, colocou um casaco por cima, deu um braço a Nice e seguiu para a Santa Casa. Ainda não sabia como contar às filhas da tragédia. Foi ver o corpo no necrotério e providenciar o traslado para Sergipe. Roberto morreu no dia 12 de outubro. Justamente no dia em que a escola estava em festa, era comemorado o dia das crianças. E sua mãe comemorava a devoção por Nossa Senhora Aparecida.

Mesmo com um rádio de pilha chiando, dando as notícias da madrugada em Porto Alegre, o vigilante dormia na entrada do complexo hospitalar. Um pássaro cantava. Um carro, velozmente, passava com um som alto.

No silêncio da madrugada, no necrotério, o cheiro forte que exalava da arquitetura antiga, ardia no nariz. O departamento

específico pra receber defuntos demonstrava que ali precisava de uma reforma. Nilce anotou ligeiro o número de funerárias que estavam no mural do necrotério. O mural verde, com os papéis amarelados. Tudo ali era caos. As cadeiras da sala de espera também sofriam de abandono. Rasgadas, as cadeiras estavam solitárias naquela madrugada morta da cidade.

No necrotério, na maca de ferro, um lençol branco cobria um corpo inchado. Nilce retirou devagar a manta e desabou a chorar. Em nenhum momento, mesmo sendo uma grande possibilidade, passou pela sua cabeça ver Roberto partir antes do transplante. Ali, naquela madrugada, diante de um corpo morto, Nilce testemunhava o fim de uma longa espera.

As palavras saíam da boca da companheira de forma intensa. Era um pedido de desculpas, agradecimentos e um ciclo que se fechava na dura rotina de esperar por um pulmão. As palavras de Nilce se embaralhavam com a saliva que escorria pelos cantos de sua boca e das lágrimas que escorriam pelo rosto da mulher que chorava. Era um acerto de contas de história que só o amor consegue dar conta. As palavras não dão.

Nos primeiros raios de sol, Nilce criou coragem e ligou para a filha, Roberta, de quem ela dizia ser a mais forte para encarar a notícia e distribuir para as demais. “Roberta, você sabe

que seu pai estava na UTI, né? E que o caso dele era grave...”, começou. Nilce não conseguiu falar mais nada, Roberta gritou do outro lado e o telefone desligou.

Nilce embarcou na mesma noite para Sergipe e o corpo de Roberto sairia mais tarde em outro voo. O amigo Jorge Fagundes, amigo do casal, e esposo de Lúcia Helena, uma carioca que também estava na fila esperando um pulmão, se encarregou de providenciar todo o trâmite para que o corpo chegasse a Sergipe.

No caminho até o Salgado Filho, Nilce, a todo instante, olhava para trás, como se estivesse esquecendo algo. Ela nunca imaginou voltar sem Roberto. Depois de uma longa viagem turbulenta, o avião pousa no aeroporto Santa Maria, em Aracaju. A filha Roberta a esperava. Foi um abraço demorado, aquele. Palavras ditas em voz alta junto com choro. O aeroporto também chorou.

Em Itabaiana, as filhas gritavam. Nilce, depois de um ano e um mês, chegava em sua cidade. Ela demorou alguns minutos até conseguir entrar em casa. As filhas e ela se abraçaram e perguntavam pelo pai. “Seu pai agora respira tranquilo, minhas filhas. Todo aquele sofrimento acabou”, dizia para acalmar as filhas e os netos.

No Cemitério de Santo Antônio e Almas de Itabaiana, onde os mortos vivem, rosas amarelas e vermelhas enfeitam o mármore escuro que guarda os ossos de Roberto. De todas as circunstâncias da vida, foi em Porto Alegre que ele viveu com maior intensidade. Roberto se despediu da vida como tantas vezes já se despediu de outros momentos. Quem conviveu com ele, acha difícil defini-lo com poucas palavras. Ele era um pouco de tudo, dizem alguns. Ao longo desses 56 anos de vida, Roberto tinha uma integridade rara e transmitia um gesto amigável fora de sério.

Em sua partida desta vida, quando seu cortejo passou pelas ruas de Itabaiana, as pessoas choravam, o comércio parou e o Colégio Mundial, na cidade de Lagarto, também chorou. O Colégio chorou porque sabia que nunca mais iria escutar as histórias que foram narradas naquele portão azul, toda manhã, quando o diretor, ao sorrir largamente para os alunos e desejar-lhes bom dia, deixava à mostra a gengiva rosada e cumprimentava aluno por aluno com um aperto de mão. Os alunos o chamavam de tio Roberto.

Os sábados em Itabaiana eram de diversão para os netos na companhia do avô coruja. Do jogo de futebol ao mergulho de piscina nos clubes da cidade, Roberto se realizava nos fins de

.....

semana de lazer. Na ausência dessa rotina com Roberto, João e Andrey visitam com frequência o túmulo do avô. No silêncio dos mortos, na terra onde eles vivem, os netos passam horas olhando para a foto exposta no jazigo e passam a mão de leve no mármore empoeirado.

Nilce ainda tem a aliança no dedo. Ela, Fátima, e Roberta coordenam a escola.

“Respire, meu amor. Agora você pode respirar”, foram essas palavras que Nilce disse ao vê-lo na maca gelada do necrotério. Ela tirou o lençol do rosto dele porque achava que ele ainda estava vivo e que poderia prender a sua respiração, aquele lençol.

Nilce caminhava devagar naquela madrugada e seu sapato fazia barulho no piso do local que guarda os defuntos. Roberto já não mais escutava o sapato de Crioula.

“Vamos não chores/ A infância está
perdida/ A mocidade está perdida/
Mas a vida não se perdeu”.

Carlos Drummond de Andrade

AS UNHAS VERMELHAS DE SANDRA



AS ÁRVORES DA SANTA CASA balançavam com calma numa tarde de verão em Porto Alegre. As portas de vidro de sensor automático abriram-se rapidamente para receber Sandra assim que ela pisou firme na calçada do Pavilhão Pereira Filho. O calor escaldante foi deixado para trás e o ar gelado, como boas vindas, deixou o ânimo de Sandra mais alegre. Nas terças e quartas-feiras Sandra tinha um compromisso inadiável: era o dia da reabilitação que ela não perdia por nada. Marcada pra 15h30, Sandra sempre foi pontual.

“Eu tenho o sonho de poder fazer o transplante, ficar curada e poder voltar para a minha casa. Esse é o meu sonho. Não sei se é real ou fantasia”, afirmava.

Não há nada mais triste do que viver numa fila sem saber o dia, muito menos a hora, que vai ser chamada para fazer o

transplante. Na rotina de viver sem fazer planos, a vida de Sandra Regina, a mulher que sempre fez planos, se tornou uma incógnita para ela mesma. Há mais de dois anos vivendo em Porto Alegre, um lugar que se tornou sem horizontes, a única certeza que Sandra carregava eram as incertezas.

Tudo na vida de Sandra é avassalador. A sucessão de tragédias dos amigos que partiram deixou em seu rosto um ritual de dor interminável. A primeira vez que sentei no sofá da sala dela, seu olhar revelava um abatimento e sua voz tremia. A crueldade de viver numa fila sem saber o dia da saída se revela nas manchas escuras debaixo dos olhos de Sandra. Suas unhas pintadas, sempre com cores fortes, davam vida ao corpo da mulher que vivia no lamento de perder amigos e contrastava com a sua pele branca de cabelos pretos e lisos.

Na sinistra rotina de ver seus amigos irem embora, Sandra derruba lágrimas ao contar nos dedos as tantas perdas de pessoas que ela criou vínculo emocional e que, por ironia do destino, viu uma a uma sumirem da fila. Não foi por alegria de adquirir o tão sonhado pulmão que ela perdeu seus companheiros, mas pelo caminho mais brutal: para sete palmos de chão.

Sandra chora, limpa as lágrimas com um guardanapo, ajeita o oxigênio no nariz e fala mais uma vez: “A fantasia é

achar que estou passando por um pesadelo, mas tudo isso aqui é realidade, né?”. De todas a dores, a de não ver a mãe é outra que a atormentava. A mãe de Sandra é acamada em Santa Catarina.

A dor que Sandra carrega é pesada demais. Em seus olhos é possível notar um brilho enfadado. Para muitos, a única falta carregada pelos pacientes que vivem na fila de transplante, é só a falta de ar. A falta da família, do lar, do seu mundo concreto, tudo isso afeta a rotina para quem vive em um mundo que não é seu.

Quem vive nesse mundo roubado é devastado em todo o seu ser. Mas é nesse mundo chamado Porto Alegre, na Santa Casa de Misericórdia, que o paciente consegue retomar o fôlego. Os que escolhem passar por esse conjunto de intercâmbio de sofrimento e glórias, não por escolha, mas como postergação da morte, já são vitoriosos pela coragem de lutar por mais uns dias de vida.

O encontro

NO FINAL DA DÉCADA DE 1950, quando Sandra Regina nasceu na pacata Alfredo Wagner, cidade do interior de Santa Catarina com pouco mais de 9 mil habitantes, um mundo pequeno se revelava entre as montanhas da cidadezinha. Frequentar as

missas, não beber e não fumar era tudo que um pai e uma mãe desejavam para seu filho ter sucesso na vida. Com Sandra não foi diferente.

Para a menina católica, que frequentava as missas com a família, não bebia e não fumava, tudo convergia pra dar certo na mente profana da cidade do interior. Se os vícios traiçoeiros ela não deseja conhecer e mantinha a fé na igreja católica, Sandra já teria um futuro promissor na cidade que conserva montanhas em toda sua extensão.

Pra manter os estudos do ensino médio, Sandra decidiu ser doméstica. Não por opção, mas por necessidade de vida. A recompensa era estudar na cidade e ter um teto onde colocar a cabeça, mas teria que lavar e passar roupas, cozinhar e encontrar algum tempo para estudar. Um sacrifício e tanto que Sandra venceu.

Com o fim do ensino médio, a turma resolveu fazer uma festa de formatura. Sandra, como forma de festejar todo o esforço obtido, foi a que mais se engajou. Contava os dias para pegar o diploma e dar o grito de liberdade da casa que a acolheu.

Em um baile de São João, uma festa organizada pela turma pra arrecadar dinheiro para a tão sonhada formatura, um moço com 1,90m de altura, cabelos loiros e lisos, e olhos azuis chamou

a atenção da jovem de estatura baixa. Sandra pensava que aquele rapaz, de boa aparência, com um bom emprego em uma empresa de sucesso no Brasil, jamais teria a coragem de se encantar pela moça do interior, católica e conservadora. “Era muita patente pra mim”, conta.

Arno Hoegen, descendente de holandês com alemão, não se deu conta da moça recém-formada e preferiu, naquela noite, apenas encostar a barriga no balcão e beber com os amigos. Sandra olhava para o moço com um olhar penetrante, cheio de ansiedade e o coração batendo forte.

Em uma tarde de visita na casa de uma amiga, Sandra fora avisada que o moço estaria lá pra tratar de coisas de trabalho com o patrão da amiga, o que a deixou cheia de expectativas. Desde o dia em que viu o rapaz, que mais parecia um alemão, Sandra não comia e nem dormia. Só pensava na grande paixão. “Você acredita em amor à primeira vista?”, pergunta Sandra. Dessa vez, o moço, ao ver a moça chegar na sala, interrompeu a conversa de negócios e bradou: “Meu Deus, que guria linda!”.

Daquela tarde em diante tudo era colorido na vida dos dois. Do namoro escondido, até chegar à igreja, tudo se transformava de forma alucinante. Sandra estava apaixonada. O homem da

vida da menina, que tanto sonhou, apareceu como em cenas de filme de amor. Sandra Regina, além de carregar o galego lindo que as moças da cidade disputavam a tapa, trouxe também para si o sobrenome tão complexo que era preciso enrolar a língua pra pronunciar. Sandra Regina Hoegen, a menina que sempre acreditou na história encantada de que o homem certo não vem na hora errada, filha de agricultores, agora possuía um nome holandês em sua identidade.

Da dona de casa, esposa presente e mãe dedicada, Sandra teve três filhos. Cesar, Cássio e Cláudio. A mulher que educou seus filhos na escola e o pai que ensinou desde cedo o dever do trabalho, a família Hoegen é exemplo na cidade de Rio do Oeste, no alto vale do Itajaí, com seus 8 mil habitantes onde todos se conhecem.

Sandra, que não fumou e nunca sequer encostou álcool na boca, não consegue entender o motivo pelo qual contraiu fibrose pulmonar idiopática. Ela suspeita de um sarampo mal curado na infância ter ocasionado esse vendaval em sua vida. Do sarampo, sucessivas crises de asma afetaram sua rotina. A doença que machuca o pulmão de Sandra é unilateral, ou seja, precisa de uma parte do órgão pra fazer com que Sandra volte a viver perto de seus filhos, em sua cidade, com seus amigos, respirando.

Até chegar a esse diagnóstico, Sandra fez uma verdadeira peregrinação pelos hospitais do interior de Santa Catarina. Depois de esgotar todas as possibilidades, resolveu ir pra Florianópolis, capital do estado, em busca de novos métodos pra desvendar o que tanto interrompia sua respiração.

A batalha de Sandra percorreu o mundo. Um pedaço do seu pulmão foi analisado nos Estados Unidos e Canadá, e nada foi diagnosticado. A doença rara só foi revelada depois de vários exames e internações em Florianópolis com a ajuda de outros centros de referência no país. Como a capital catarinense não tinha suporte e, no caso dela, tudo que a medicina podia contribuir era com um transplante, Porto Alegre seria a cidade que reservava grandes surpresas, expectativas e acontecimentos para o casal Hoegen.

A mulher que coleciona mortes de amigos em seu currículo mental, ainda viverá condicionada à morte de alguém. Sandra tenta não lembrar que pra respirar por mais tempo precisa torcer pela morte de algum doador compatível com seu pulmão. Parece mentira, mas Sandra, pra manter-se viva, precisa da morte. Essa é, aliás, a única concretude que define sua vida.

“Em minha vida nada nunca foi fácil.”

NO DIA 26 DE NOVEMBRO DE 2012, Sandra e Arno chegaram a Porto Alegre com os exames debaixo do braço, um apartamento alugado e as malas nas mãos. Mesmo com a decisão já tomada de ficar morando na capital gaúcha, Sandra diz que a ficha só caiu quando ouviu a indagação do médico Sadi. O homem que tem um olhar sério e perguntas sempre diretas. “Estão dispostos a abrir mão de tudo pra virem morar aqui?”. Essa frase de Sadi, um dos médicos da equipe de transplante pulmonar da Santa Casa, martelou a mente de Sandra. Ela confessa que para aceitar essa entrega, de deixar a família e tudo que construiu, para “se mandar pra essas bandas do Rio Grande”, foi um longo caminho e difícil de acreditar. “Ou você fica louca ou te mata”, pensava a catarinense.

Desde que chegou, a rotina de Sandra foi imutável no dia a dia. Acordar cedo, tomar café, fazer uso dos medicamentos necessários e, quando tinha disposição, cozinhava. Essa era a sua vida. Para distrair, passava roupa e lavava. As tarefas mais árduas de ir ao banco, supermercado e marcar exames, ficavam para o esposo, Arno.

A mulher que sempre viveu ladeada de montanhas, árvores e terra, não conseguiu acostumar facilmente a viver trancada em

um apartamento com três cômodos. Na liberdade da casa grande e arejada de Rio do Oeste, Sandra se definia como uma prisioneira no apartamento antigo no movimentado centro de Porto Alegre, em frente ao complexo da Santa Casa de Misericórdia. A doença que se encarregou de roubar a respiração de Sandra também furtou a sua liberdade.

O espaço dela dentro da casa era medido pelo tamanho da cordinha de silicone presa no nariz até o aparelho de ar. A cada ato que Sandra pensava em fazer, uma espécie de cabresto moldava os passos da dona de casa que era uma estrangeira em seu próprio teto. Sandra só saía para respirar o ar da rua em dias de reabilitação na fisioterapia, consultas e, raramente, quando ia à missa na paróquia Nossa Senhora da Conceição, em frente ao tradicional Colégio do Rosário. As terças e quartas-feiras eram os dias definidos pra fazer a reabilitação no Hospital.

Sandra sempre foi vaidosa. O tênis lilás sempre combinava com alguma peça em seu corpo. Em dias de muito calor, quando não era a blusa leve e o elástico da mesma cor do tênis preso no cabelo, a manta, enrolada no pescoço, mantinha o visual no corpo elegante de Sandra em dias de frio. Na caminhada até a reabilitação, Sandra caminhava na frente e Arno, atrás, segurando o oxigênio e limitando os passos da esposa. O calor de

Porto Alegre a fazia passar mal. O frio cortante sempre fez bem à catarinense que nasceu na região mais gelada do Brasil.

Apertando o guardanapo umedecido, o gesto de Sandra escapa além de palavras e seu olhar carregava um brilho enfadado. A dor de Sandra é pesada demais. A cada perda, um pedaço dela vai junto. E outros pedaços ficam na lembrança dela também. Da amiga Lúcia Helena, a carioca que gostava de fazer cafuné na amiga, Sandra não larga os bobes que ela enfeitava a cabeça. Lúcia teve seu sonho realizado. Depois de uma longa espera, foi transplantada. Mas, por complicações que já acometiam a paciente, não conseguiu viver. Seu pulmão estava colado na caixa torácica e seus rins pararam depois da cirurgia. A morte de Lúcia deixou Sandra acamada por vários dias e sem nenhuma vontade de continuar.

Sandra, Lúcia e Roberto eram os pacientes que mais tinham afinidade na fila de transplante. A amizade deles foi tão intensa que, mesmo se não se falassem pessoalmente durante o dia, eles se telefonavam pra saber um do outro. Nos encontros semanais, os costumes, crenças e uma legião de sotaques revelavam a cara do Brasil. Se com o sotaque carioca Lúcia chiava nas palavras e Sandra, com seu “r” acentuado, dava elegância às frases, Roberto trazia, lá do sertão, um oxente arretado cheio de sergipanidade.

Nessa mistura brasileira, revelada em cada frase pronunciada, eles, além de escaparem o amor que um sentia pelo outro, demonstravam também, em cada rosto, o Brasil brasileiro de verdade.

Eles representavam uma verdadeira família em Porto Alegre. Nas conversas costumeiras, que invadiam horas, Sandra lembra dos planos que faziam. Lembrou que depois de transplantados eles iam se encontrar em suas residências de origem. Residências reais, porque ali, por mais que demore a sair, e pro bem ou pro mal, não é seu lugar de verdade. “É uma fantasia alucinante”, lembra Sandra. “Todas as nossas conversas se foram. Nossos planos se acabaram, meu Deus”, lamenta e chora.

“Sabe aquela pessoa que tu te apegas e não quer que nunca mais saia de junto de ti? Assim era Nilce pra mim”. Nilce, a esposa de Roberto, era uma espécie de filha, irmã e amiga de Sandra. Não foi só a partida de Roberto que deixou Sandra perdida, mas a falta da grande amiga, até hoje, deixa Sandra desorientada. Nilce sabia, como ninguém, os gostos da amiga. Toda vez que andava pelo comércio via, nas manequins expostas, algo que tinha o gosto de Sandra. Quando não era uma blusa, era uma calça. Tudo que Nilce comprava, se encaixava no corpo de Sandra. Os cafés

da tarde, os encontros na porta da Santa Casa, as visitas, com ou sem hora marcada. Tudo se completava entre elas.

A cada partida, um pedaço de Sandra ia junto. “A coisa mais dolorosa é você ver seus amigos partindo, eles eram minha família”, desabafava. Sandra encara a parede, com a mão no queixo, lembra dos nomes e dispara. “A gente fazia planos de um visitar ao outro depois do transplante, mas tudo acabou. Nossos sonhos foram embora”, se entristece.

Sandra teve o desejo de escutar o celular tocar e ser chamada para o transplante, mas em três tentativas, quando chegava lá, o pulmão não encaixava na catarinense.

Toda vez que o telefone de Arno tocava, Sandra ficava impaciente enquanto o marido não atendia. Quando Arno falava e ficava sério com o aparelho encostado no ouvido, a esposa não sossegava. A expectativa era sempre de euforia pelo então sonhado pulmão, mas também poderia ser de tristeza pela notícia de algum amigo. Sandra dizia que não tinha mais coração para receber tantas notícias de morte.

A casa de Sandra é colorida. Do forro do sofá aos quadros da sala, tudo alveja cores. O corpo de Sandra também é revestido de roupas com cores fortes. O esmalte vermelho nas unhas, tudo tem cor... Mas o recôndito da sua alma é nublado. Todo escuro.

Na iminência de clarear sua fé, os cultos luteranos na casa dos amigos de fila de transplantes, que moram no mesmo prédio, eram uma espécie de bálsamo no corpo e na alma angustiada de Sandra.

“**Alguma perspectiva, Sandra?**”, perguntou o pastor olhando para Sandra como se fosse um professor sabatinando uma aluna. “Nenhuma, pastor”, disse com voz baixa, olhando os pés e ajeitando o vestido preso na cadeira.

Terezinha era a vizinha de Sandra. Seu esposo, um alemão, que morava no Brasil há muitos anos, era parceiro de fila de Sandra. No culto, na casa dos colegas, Sandra era recebida pelo anfitrião com um sorriso largo e um aperto de mão demorado.

O culto luterano parecia com o ritual da católica, o que deixava Sandra em um ambiente agradável dentro da sua crença religiosa. O simbolismo do padre é trocado por um pastor. No culto também é oferecida a comunhão com pão e vinho aos participantes. O pão é a ostra, uma rodinha branca do tamanho de uma moeda de um real, igualzinha à que é distribuída nas missas.

Enquanto o pastor cantava com voz grave e levantava a mão, uma roda de suor estava formada na camisa debaixo da axila. Igualmente à igreja católica, onde o padre recebe um lugar

de destaque, na casa de Terezinha o pastor também tinha seu lugar garantido. Uma mesa forrada com toalha branca, livros de capa pretas, cruz de madeira e um isqueiro com velas acesas enfeitavam o ambiente de destaque do homem que ia levar a palavra de Deus. O pastor, Gerson Echelmeor, coincidentemente barriga verde, nome dado pra quem nasce no estado de Santa Catarina. Era na casa de Terezinha, que também é conterrânea, e ainda com o pastor catarinense, que Sandra conseguia se sentir em casa.

Na música entoada pelo pastor, que tentava sobressair sua voz das demais, sempre entonando com força o final das palavras, a sobrevivente da turma de 2013 acompanhava fazendo movimentos leves nos lábios pra não forçar a respiração. Nos versos da canção religiosa que insiste no refrão pra pessoa continuar “orando, jejuando, confiando e confessando”, um manual de gerúndios, Sandra lembra que de todos os gerúndios compostos, a música esquece o mais importante: esperando. Esperar foi o verbo que mais atormentou a sua vida.

A espera acabou

DEPOIS DE AGUARDAR QUASE TRÊS ANOS na espera por um doador compatível, os três filhos se juntaram ao pai e,

sem suportar o sofrimento da mãe, entraram em contato com a equipe de transplantes da Santa Casa e propuseram um possível procedimento de doação entre vivos. Foram feitos todos os procedimentos e os candidatos, todos, estavam aptos a fazer o tão sonhado transplante.

No dia 7 de outubro de 2015 foi realizado o transplante. Sandra recebeu o lobo pulmonar inferior direito do filho Cláudio Hoegen e o lobo pulmonar inferior esquerdo do filho Cassio Hoegen, Com essa técnica usada, ela se recuperou plenamente, tem vida normal. Apenas exerce a função de tomar a medicação para controlar o órgão.

Os doadores também têm uma vida normal, desempenham as mesmas atividades que faziam antes da doação, e não fazem nenhum uso de medicação.

Sandra respira 100% e tem dentro dela dois pedaços de filhos que ela mesma colocou ao mundo. No início de abril de 2016, depois de quase 4 anos longe de casa, o casal teve que retornar, às pressas, para Rio do Oeste.

Parece cena de filme. No momento em que Sandra se recuperava do transplante, depois de tantos anos sem respiração, recebeu a notícia de que o filho, César, morrera asfixiado. “Falar da morte do filho é muito doloroso, mas mesmo assim vou tentar

te contar o que sei”, escreveu Arno, numa noite de novembro, em uma rede social.

Na páscoa de 2016, César estava voltando da casa do sogro e resolveu desviar do caminho e visitar uns amigos. Parece mentira, mas esses mesmos amigos estavam morrendo asfixiados por gases produzidos por esterco de porcos. Cesar tentou salvá-los e asfixiou também. Nada mais pôde ser feito pela vida dele. Ficou submerso no esterco por mais de 3 horas até os bombeiros chegarem para retirar os três.

César morreu, mas realizou o desejo: ver a mãe transplantada. Em meu encontro com César, em janeiro de 2014, em Porto Alegre, ele me confidenciou que não aguentava mais o sofrimento da mãe. “Se tivesse alguma coisa que eu pudesse fazer, eu faria: eu dava um pedaço do meu pulmão”, contou.

O filho mais novo ligou para o pai em Porto Alegre e Arno nem sabia como contar para Sandra. Arno, impactado pelo acontecimento, falou de uma só vez para a esposa. Sandra gritou alto, parecia não acreditar. Passou mal e tomou calmante. Viajaram a noite inteira, de carro com um vizinho gaúcho.

Debruçados no caixão, diante da morte do filho, Sandra e Arno choravam sem parar, abraçados. A vida deles ainda não voltou ao normal e a saudade só aumenta.

Sandra retorna para exames e consultas em Porto Alegre a cada três meses para acompanhamento. Passados meses do transplante, ela não contraiu nenhuma bactéria, fungo ou outro tipo de intercorrência que necessitasse de tratamento específico.

A passagem deles em torno de Porto Alegre foi um grande aprendizado e uma grande oportunidade de conhecer pessoas, culturas e sofrimentos diferentes. Isso enriqueceu o conhecimento de vida do casal catarinense.

Sandra ainda é vaidosa, veste roupas coloridas e pinta as unhas com esmaltes de cor vermelha. Apesar da boa fala e do envolvimento com as pessoas, com seu sotaque carregado que chama a atenção pelas palavras bem pronunciadas, Sandra ainda continua a esperar. Não por um pulmão. Sandra espera, dessa vez, as palavras. Ela tenta explicar a morte de um filho, mas não consegue. Essa espera vai ser por toda a vida, porque nenhuma palavra consegue dar conta de uma mãe que perde um filho.

“Canta! Ainda que se desfaçam ilhargas,
trilhas... Canta o começo e o fim. Como se
fosse verdade. A esperança.”

Hilda Hilst

A POLTRONA DE WILSON



WILSON ESTAVA SENTADO na poltrona verde assistindo ao telejornal quando o telefone tocou. Havia acabado de almoçar. Um bacalhau foi preparado pela esposa Juliana para festejar o tradicional sábado de Aleluia. Era o fim da Semana Santa de 2014.

Enquanto o telefone tocava, Wilson e Juliana jogavam um para o outro a tarefa de ir atendê-lo. Estavam cansados, os dois. O efeito do bacalhau e o céu nublado de Porto Alegre deixaram o casal indisposto naquela tarde de 19 de abril. “É o Sadi, o médico da cirurgia, amor”, bradou Juliana. Tremendo e apavorada, passou o aparelho para o marido. “Vem agora que tem um pulmão para você”, disse doutor Sadi.

Wilson Júlio de Souza tem 57 anos e é casado há 14 com Juliana Quirino da Costa Souza. Nasceu em Coroaci, em Minas Gerais, e tem duas filhas, sendo uma de Juliana.

Estavam há nove meses na fila à espera do transplante. Foram nove meses de angústias, perdas de amigos, situação financeira complicada e uma miríade de razões para festejar aquele telefonema. Um grande acontecimento estava prestes a mudar a vida do casal.

Wilson entrou na sala de cirurgia às 20h e saiu às 6h da manhã. Na madrugada gelada de sábado de aleluia, Juliana Quirino andou pelos corredores da Santa Casa, assistiu a televisão, tomou água e não conseguiu comer nada. Naquela noite sem fim, o estômago de Juliana se alimentava de unhas. Estava sem nenhum parente. Mas contou com a ajuda de alguns amigos que estavam acompanhando parentes na difícil rotina de esperar por um pulmão.

Juliana narrou, com os olhos encharcados de lágrimas a contribuição necessária que os amigos Arno e Terezinha deram naquela madrugada agonizante.

...

WILSON E JULIANA chegaram a Porto Alegre no dia 13 de julho de 2013. Num voo particular adquirido, com muito esforço, pelo convênio particular que o paciente tinha. Depois de uma decisão judicial, o plano liberou o jato UTI para transportar o casal até a capital gaúcha.

Desde que sentiu o pulmão enfraquecer, Wilson foi acompanhado pela médica de Belo Horizonte, Valéria Augusta. Valéria sentiu a necessidade de fazer um transplante, já que tudo que a medicina pulmonar da capital mineira poderia fornecer ao paciente já tinha se esgotado. Os resultados já não eram mais satisfatórios.

A médica falou sobre a equipe gaúcha, disse que era confiável e que os transplantes lá sempre davam certo. Era uma ótima alternativa para Wilson viver mais dias. Wilson sofria de pneumoloniose.

O mineiro trabalhou a vida inteira para ajudar no sustento dos irmãos. Tinha 11. Em 1996, preocupado com as finanças da família, foi para Boston, nos Estados Unidos. Trabalhava dia e noite em uma empresa de mineração, indicado por um irmão que já o esperava na América Central.

Em 2003 voltou ao Brasil, perdeu a mãe, que morreu em um assalto, casou com Juliana e tiveram Ana Clara. Sua respiração foi apresentando cansaço. Começava, então, a luta do casal mineiro. O pó do minério impregnou o pulmão de Wilson. Uma espécie de poeira estava instaurada dentro da sua caixa torácica.

A própria Valéria, preocupada com o seu estado de saúde, entrou em contato com a equipe da Santa Casa de Porto Alegre.

Falou diretamente com Dr. Camargo e enviou todo o histórico do seu paciente para o colega de profissão.

O médico gaúcho avaliou a papelada e garantiu que em Porto Alegre ele teria condições de ser transplantado. Desde o recebimento da confirmação, a médica mineira se empenhou e providenciou todos os trâmites para a transferência.

Assim que chegou na santa Casa, Wilson, por determinação médica, foi direto para o CTI do Hospital Pavilhão Pereira Filho. Juliana, segurando uma mala de roupas pelos corredores do Hospital, não tinha para onde ir. Ficou na recepção, já que não tinha nenhum parente na cidade e passava por problemas, como falta de dinheiro. Porto Alegre era um lugar desconhecido para Juliana.

Dois dias e conseguiu ser transferido para um quarto. Juliana agora tinha um canto para acomodar sua cabeça. Pegou a mala com a moça simpática da recepção, agradeceu e passou a acompanhar o marido. Logo veio a alta médica e Juliana, depois de muita caminhada pelo centro de Porto Alegre, conseguiu alugar um apartamento.

...

ERAM 10H, depois do transplante, quando doutor Sadi chamou Juliana, que estava em pé, encostada numa parede branca,

próxima ao centro cirúrgico. “O estado de saúde do seu marido é grave e ele pode vir a óbito a qualquer momento”, atirou.

O mundo de Juliana desabou, seu corpo, cansado da noite em claro também bambeou, mas as palavras conseguiram saltar da sua boca. “Está nas mãos Deus”, falou. Era tudo que Juliana tinha para tentar confortar a situação difícil naquele domingo de páscoa.

Juliana e Wilson se conheceram na padaria de seu Zequinha. Ela era a moça do caixa da padaria mais badalada de Governador Valadares, cidade em que Juliana nasceu na região do Rio do Vale, em Minas Gerais.

De pele morena, cabelo avermelhado e ondulado, Juliana usa a gíria “vai escutando” nas frases, toda vez que conta uma história longa, como se quisesse chamar a atenção da pessoa. Um arrebatamento.

Wilson frequentava diariamente o estabelecimento e não tirava os olhos da funcionária. Foi tudo muito rápido. Do encontro de olhares, nasceu a coragem de Wilson de ir até a casa dos pais de Juliana pedir a ordem para namorar. Pediu a mão em namoro. Oito meses depois, casaram.

Quando Wilson estava em coma, 26 dias na UTI, Juliana andava sem rumo pelas ruas da cidade tentando espairar da

longe e triste realidade que acometia seu esposo. Nas andanças, a moça de Governador Valadares percebeu que no centro de Porto Alegre tudo era permitido. O beijo de língua entre homens, o namoro no ponto de ônibus, o sexo rápido nos bancos da Praça da Alfândega com gemidos uivantes e o bafo da maconha. Tudo era novidade perante os olhos da moça que estava ali com um único propósito: salvar o marido.

Na peregrinação até a Santa Casa, nos horários das visitas, a Rua dos Andradas, na famosa esquina democrática de Porto Alegre, era passagem certa para Juliana. No famoso calçadão, com lojas populares espalhadas e com uma movimentação intensa de pessoas, Juliana, vez ou outra, parava pra escutar o som contagiante de amadores que faziam a animação em dias de sol na antiga Rua da Praia.

A cena era fascinante: uma roda de pessoas, uma caixa de som ao meio e uma certa voz desafinada. As músicas sertanejas famosas saíam das caixas de som. O homem, que gritava no microfone, tinha cabelos tão penteados com gel que nem o suor do calor baixava o topete do aspirante a cantor. A calça justa, a bota preta e o cinto largo com a fivela luminosa que encandeava com a luz do sol, davam vida ao rapaz que, ao cantar, deixava as veias do pescoço pulsarem conforme a música.

No meio da roda, com os cabelos longos e um suor que jorrava longe, uma guria fazia o coração dos homens bater mais forte. A moça, que rodopiava no centro, conforme as batidas das músicas, fazia com que a tristeza instaurada na vida de Juliana se tornasse mais branda. No sobe e desce do ritmo, a moça, que sacudia os corações dos homens e hipnotizava os rapazes, moços e senhores com seus shorts mostrando boa parte da bunda, saltitava diante dos homens que admiravam o remelexo.

Juliana seguia. Devagar, mas seguia. De uma fila Juliana já era veterana e sobrevivente. Da fila do transplante ela já tinha escapado. Mas outras condicionavam sua rotina de dona de casa no sul do Brasil. Quando subia a Andradas e deixava para trás o som desafinado do amador e o rebolado elétrico da dançarina, Juliana sabia que ainda tinha que enfrentar a fila no banco, a fila da casa lotérica para pagar as contas e ainda apreciar roupas nas vitrines coloridas. Juliana seguia com o coração apertado. No hospital, as boas notícias demoravam a acontecer, e Wilson, com o cano na boca, os braços roxos e o corpo inchado, não reagia.

...

“EU QUERIA PERGUNTAR a Deus o porquê de existir doença”, diz Ana Clara Costa de Souza, nove anos, cabelo grande

e um corpo magro como a boneca barbie. Ana, por conta dos estudos e para facilitar a locomoção dos pais, ficou em Minas com a tia. Todo dia recebia notícias dos pais. Torceu desde o início da viagem para que tudo desse certo. E deu. Mas agora Ana estava apreensiva, com o pai na UTI e a mãe sozinha na cidade grande.

Juliana não sabe precisar o dia exato em que Wilson voltou a falar, mas lembra, com riquezas de detalhes, do processo de recuperação do companheiro. Wilson acordou aos poucos. Primeiro apertou a mão. No outro dia, Wilson já conseguia abrir os olhos inchados. No terceiro dia, os olhos já ficavam arregalados e, assim, reconhecia o rosto da mineira. Enquanto a sedação ia sendo retirada, Wilson balbuciava algumas palavras. “Amor, você chorou muito?”, foi a primeira indagação de Wilson para a companheira.

Tudo ficava melhor na vida de Wilson. Wilson passou a viver como se as coisas acontecessem pela primeira vez em sua nova vida. Tudo era uma revelação extraordinária. O primeiro banho sozinho, a primeira caminhada, a primeira noite de amor. Ah, se aquela cama falasse... tudo acontecia de verdade na vida do casal. Se antes as coisas eram feitas com esforço, agora tudo virava programas rotineiros na vida do mineiro que voltava a respirar. Os banhos no chuveiro eram demorados, Wilson

brincava com a água como se fosse criança sapeca que adora fazer pantominas.

Depois do transplante e sair da dura vida dentro do Hospital, a Usina do Gasômetro passou a ser o ponto de distração de Wilson, que respirava, agora, de peito cheio. As cordinhas de silicone que prendiam sua liberdade hoje são guardadas na sala de sua casa como relíquia de uma lembrança triste da sua vida. Caminhar pelas ladeiras da Rua Duque de Caxias, principal acesso ao ponto turístico mais procurado nas tardes da capital gaúcha, não era problema para Wilson. O barulho das águas do Rio Guaíba, e a brisa forte que acariciava sua careca, também enchiam de alegria sua nova vida.

As famílias sentadas reunidas, com o som do carro ligado, a farofa voando com o vento revoltado do volumoso rio, fazia a festa nos ensolarados domingos em Porto Alegre. Nas pessoas mais comedidas, que iam apenas apreciar o famoso pôr do sol, o chimarrão era um companheiro inúmeras vezes.

Wilson caminhava pelo calçadão, comia milho e bebia refrigerante nas barracas cor de abóbora que margeiam a orla da Usina mais famosa da região.

Quando o sol pintava o rio e o céu azul ficava cada vez mais preto, Wilson levantava da cadeira, ajeitava o short e, como

se estivesse sentado no chão, sacudia, com suas mãos grossas, a areia que ele imaginava ter na parte traseira de sua bermuda. Seguia lentamente, sempre olhando pra trás, como se quisesse acompanhar todo o sumiço do sol. Católico e devoto de Nossa Senhora Aparecida, o mineiro, toda vez que passava pela frente da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, não esquecia o ritual de fazer o sinal da cruz.

Em janeiro de 2015, ainda em Porto Alegre, Wilson voltou a se internar para tratar de uma bactéria. Procedimento normal, dizem os médicos. Doutor Sadi e Wilson pareciam grandes amigos. Todos os dias, o médico ia visitá-lo e passavam horas conversando. Na poltrona ao lado da cama, Sadi, de perna cruzada, fazia perguntas a Wilson que, de forma descontraída e com um sotaque bem carregado, soltava: “o pulmão tá bão demais, uai”.

Sadi chamava o paciente de “Wilsão” e dava boas notícias. Em breve Wilson iria voltar para sua casa, em Minas Gerais. “Ainda bem que aquele trem tocou”, dizia. O trem ao qual Wilson se refere é o celular. Quando o médico chegava no quarto, no terceiro andar do pavilhão, o sorriso de Wilson se abria. “O homem me disse hoje que vai me dar alta”. O homem era Sadi.

Em janeiro de 2015, Wilson me recebeu no apartamento em que se hospedava. Da Avenida Borges de Medeiros, 652, no décimo andar, Wilson apreciava a Prefeitura, o Viaduto da Borges, o famoso prédio do INSS e, bastava se contorcer um pouquinho, para apontar para o Mercado Público de Porto Alegre. Estava com o olho remelado, acabara de acordar, e a todo instante, passava a mão grossa sobre os olhos.

Juliana estava na feira, tinha contas a pagar e resolver problemas de banco, enquanto Wilson ingeria sua medicação, 14 comprimidos por dia. Sete pela manhã e sete pela noite. “Para segurar esse trem aqui dá trabalho, tá vendo?”, disse segurando a mão grossa no peito.

Juliana e Ana são as mulheres da vida de Wilson, 15 anos mais nova, ‘amor’, como é carinhosamente chamada pelo companheiro, entrou de cabeça na doença e até hoje estão juntos. Ela é quem resolve tudo. Wilson não cansa mais, voltou a viver em Minas, lugar que ele nunca esqueceu. Quando lembra da vida que viveu no Sul, chora. Não era só a espera por um pulmão que o deixava aflito. O casal vivia de ajuda dos familiares para controlar as despesas.

Dias antes de voltar para a terra natal, Juliana que, para complementar a renda era manicure no prédio, fazia a unha

de uma senhora quando foi questionada como tinham sido os dias difíceis na capital gaúcha. Juliana contou dos dias tristes e começou a chorar. As lágrimas pingavam no pé enrugado da senhora. De repente, Juliana começou a contar sobre o dia mais feliz, que foi quando o marido foi chamado para o transplante. A senhora começou a chorar, suas lágrimas eram intermináveis. Ela passava a mão no rosto e limpava na poltrona verde.

Nascer é abrir-se em feridas.

Bartolomeu Campos de Queirós

Nos corredores surgem novos
acontecimentos. Sempre.

O JALECO DE JEAN



NA CIDADE em que perdeu a esposa, Jean decidiu restabelecer a sua vida. Na tarde da Santa Casa, na hora em que Gislaine perdeu a respiração para a morte, Jean retomou o fôlego da sua vida.

Jean perdeu a esposa, mas não perdeu o ritmo de viver. Ele voltou para Salvador para enterrar Gislaine, mas, diferente de muitos que ficam sem rumo, ele conseguiu voltar para Porto Alegre. Sem parentes, sem nenhum motivo plausível que desse legitimidade à sua volta. Ele apenas decidiu encarar outras possibilidades. E encarou. Já conhecia de olhos fechados os arredores do Complexo Hospitalar. Era ali que ele passava a maior parte da vida nos últimos meses. E agora queria conhecer a outros ares da cidade.

Essa é a história do casal baiano Jean e Gislaine, soteropolitanos, do bairro da Boca do Rio. Gislaine tinha dois sonhos: fazer o transplante e respirar. Conseguiu o primeiro.

Gislaine Almeida Santos Lisboa sofria de asma. Em 2007 as crises se intensificaram. Perdeu peso e se afastou do emprego. Era técnica de enfermagem. Passou meses fazendo peregrinação em hospitais da capital baiana. Na tentativa de descobrir o que tanto maltratava a sua saúde, os familiares pensavam que era tuberculose, mas todos os exames davam negativo. Até chegar ao Irmã Dulce, foi uma verdadeira maratona. Foi diagnosticada com fibrose. Descobriu que para a sua cura apenas um transplante daria jeito.

O hospital Irmã Dulce, na cidade baixa de Salvador fez a ponte com a Santa Casa. Em 7 de julho de 2012 desembarcava em Porto Alegre. Gislaine era o retrato do descaso. Magra, tosse seca, falta de ar e um cabelo farto emoldurando sua cabeça. O destino preparava surpresas boas para o casal que tinha apenas um filho, Artur Almeida, de cinco anos.

Dia 12 de julho de 2013, enquanto amarrava o cadarço do tênis de cor rosa para ir até a reabilitação, ponto de encontro com os colegas de fila, o telefone tocou. Seu pulmão havia chegado. Do jeito que estava, seguiu.

Jean saltitava com ela no braço. Pareciam dois meninos esbaforidos. Antes de entrar na sala de cirurgia, tocaram os lábios e os olhos brilhavam de alegria.

O transplante foi bem sucedido, diziam os médicos. Na UTI, ela gesticulava com os lábios e perguntava pelo filho Artur. Depois de sete anos convivendo com a doença, conseguiu fazer a sua missão. Gislaine não suportou a uma parada cardíaca e, no dia 16 de julho, faleceu.

Gislaine morreu aos 38 anos, num fim de tarde, quatro dias depois de ter realizado o tão sonhado transplante. Antes de partir, ela conheceu Porto Alegre de ponta a ponta. Passava horas caminhando no Parcão, Redenção, Usina do Gasômetro. Todos os pontos turísticos ela havia conhecido.

Foram 13 anos de casados. “Eu já tinha perdido ela várias vezes, mas se concretizou no caixão”, lembra Jean passando a mão de leve na cabeça raspada como se estivesse ajeitando o cabelo.

Jean e Artur viviam um para o outro na cidade do frio. Trocaram o acarajé pelo chimarrão. Uma assistente social da Santa Casa pegou o currículo de Jean e logo ele conseguiu um emprego em um departamento de remédios, dentro do Complexo Hospitalar.

Gislaine ensinou Jean a viver, morrendo. Jean passou a dar assistência aos amigos que chegam para encarar o transplante, procura apartamentos com os acompanhantes dos que estão na fila e dá dicas sobre tudo na cidade além dos muros do Hospital.

.....

Numa tarde quase fim do expediente, Jean seguia pelas ruas dentro da Santa Casa observando as árvores chacoalharem. Estava com a mão no bolso do jaleco branco, que tem letras bordadas de azul. Pisou a calçada, limpou o pé no tapete e abriu a porta do almoxarifado. No hospital em que perdeu a esposa, Jean se encontrou.

Marifer e seu sorriso

MARIFER ATRAVESSAVA O VIADUTO José Loureiro da Silva a passos largos. Tinha saído da Santa Casa, o lugar que ela mais pertenceu, desde o dia em que chegou do México, seu país de origem. Ela seguia para casa com sua mãe, Elizabeth Gutierrez.

Marifer é Maria Fernanda Flores. Escolheu juntar as primeiras consoantes dos seus dois primeiros nomes desde que entendeu que era mais bonito ser chamada assim: Marifer. Com 11 anos de idade, já era capaz de decidir destinos de sua vida, pelo menos no nome. Teve uma infância limitada, tinha fibrose cística.

Depois de atravessar a fronteira e buscar o tratamento por um pulmão novo nos Estados Unidos, decidiu descer mais um pouco e, no Brasil, depois de pesquisar na internet, encontrou Dr. Camargo. Era a luta pela respiração de uma infância quase

perdida de uma menina que queria apenas um direito que era dela: o direito de brincar.

Fez um transplante entrevivos, procedimento que tem dado notoriedade à equipe de Dr. Camargo no mundo da medicina. O pai e a avó paterna deram um movimento novo à vida de Maria Fernanda. Eles foram os doadores. Tiraram um pedaço do pulmão e colocaram dentro de Marifer. A família fez uma campanha para arrecadar dinheiro suficiente para custear todas as despesas. Da cirurgia até a moradia no Sul do país.

Naquela tarde Marifer andava irradiando. Dali a poucos dias iria receber alta e poderia voltar para a sua terra natal. Tinha uma calça colada nas pernas, os cabelos presos como um rabo de cavalo e um tênis aparentando maior que o seu pé pequeno. Tudo em Marifer era pequeno.

No viaduto movimentado, a mexicana parecia querer ir mais rápido que os passos da mãe. Parecia que havia descoberto ali, no vento que balançava seu cabelo e nas árvores que assoviavam, nos carros que buzonavam, uma brincadeira que nunca teria feito na vida. Marifer corria. Era fim de tarde em Porto Alegre e Marifer tinha uma respiração inesgotável. Foi no viaduto da Rua Duque de Caxias sobre a Avenida João Pessoa que Marifer encontrou um lugar para respirar.

Uma vida viva

ENQUANTO ALESSANDRO ALONSO BRITO, um médico recém-formado de rosto que mais parecia um menino, roía as unhas na sala de espera, sua família inteira era cortada e costurada em prol de um gesto de amor que até as palavras somem para poder explicar.

Única irmã de Alessandro Alonso, Andressa Alonso Brito nasceu em Corbélia, no Paraná. A fibrose pulmonar secundária e artrite reumatoide foram roubando sua respiração e seus movimentos desde o dia em que veio ao mundo. Foi para Porto Alegre, encontrou um refúgio. A equipe deu a sugestão de fazer um transplante entre vivos. O pai e a mãe seriam os doadores.

Os pais queriam renascer aquela filha. Mesmo com os riscos eminentemente esclarecidos pela equipe responsável pelo procedimento altamente complexo, os pais de Andressa acordaram naquela manhã cheios de expectativa e ansiedade. Dali para a frente um verdadeiro acontecimento familiar tomaria conta de suas vidas para sempre. Na esperança de dar uma nova vida à filha.

Do lado de fora, Alessandro vivia a agonia de saber notícias dos familiares. Apreensivo, o vai e vem de pessoas apressadas vestidas de verde o deixava mais ansioso ainda.

O procedimento foi bem sucedido, mais alguns dias na UTI e Andressa veio a falecer. Morreu com um pedaço do pai e da mãe dentro de seu corpo miúdo que tanto lutou pela vida. Pelas poucas vezes na história, os pais dariam a vida, de forma concreta, a um filho. Alessandro, em sua passagem pelo Rio Grande do Sul testemunhou o dia em que um pai e uma mãe davam a vida a uma filha que estava viva.

O fusquinha de Lú ou Lucianinho

“MEU SONHO ERA PODER VIVER e estou vivendo agora”. As palavras saíram da boca de Luciano com tanta ânsia que até seus olhos brilharam. Luciano estava encostado na coluna em frente à recepção no térreo do pavilhão. Estava fazendo a revisão pós transplante. A cada quatro meses, pisa os pés em Porto Alegre para fazer o procedimento rotineiro.

Luciano Dias de Menezes é mineiro de Belo Horizonte, professor de matemática e esposo de Kelly Fernandes da Cunha. Uma mulher de 30 anos que aparenta ter 15. Kelly e Luciano são os opostos do que acontece na maioria dos casos dos que vivem a espera por um pulmão. Se a fila causa angústia para uns, para eles aconteceu um dos eventos mais importantes da vida: aconteceu o amor.

Luciano estava há três anos em Porto Alegre. Chegou em 2009 com uma mala, exames, falta de ar e sua mãe como companhia para todas as horas. Em uma rede social, destinada para as pessoas que vivem à espera de um pulmão, conheceu Kelly. Teclaram. Ele do Sul e ela de São Paulo. Passaram a namorar a distância. Um se preocupava com o outro, se o tratamento estava dando certo, e fizeram um pacto. Um esperaria o outro até os dois realizarem o transplante.

Os dois sofriam do mesmo problema. Precisavam de um transplante pulmonar. Seu pulmão havia roubado sua infância, postergaram seus sonhos de meninos. Esperavam um pulmão em geografias diferentes.

Depois de chorar várias mortes de amigos que viviam na mesma situação, veio a concretização do sonho. Kelly realizou o transplante em São Paulo, no Instituto do Coração. Alguns meses depois, foi a vez de Luciano. Tudo que eles haviam combinado se materializava. A história deles foi midiaticizada pela tv e jornais. O encontro foi reproduzido por um programa famoso de TV.

Kelly Fernandes é magra, corpo de criança, cabelo cacheado e mãos pequenas. Luciano, com os óculos de grau dão, cada vez mais, aspecto de professor de exatas.

É chamado carinhosamente por Kelly de Lú ou Lucianinho. Andam com as mãos grudadas. “A gente tem tanta coisa pra viver”, disse Kelly apertando a mão de Lú com força.

Depois que teve alta, Luciano voltou para Belo Horizonte e Kelly o acompanhou. Vivem juntos na capital mineira e fazem todas as coisas que um dia a respiração roubou.

Tem um mascote, o casal. Um fusca branco envelhecido que Luciano adquiriu ainda em Porto alegre. Serve de parceiro para todas as horas. Luciano o trata como um filho, faz revisão com frequência no mecânico e sempre está limpo para os passeios rotineiros pelas estradas do Brasil.

Luciano e Kelly aprenderam que na espera tem que ter esperança. Quando bate a porta do carro, que liga e acelera, deixando os cabelos de Kelly alegres com a ventania, eles estão fazendo o que tem que ser feito na vida: viver.

A luz percebida no
breu se faz estrela.

Mana Bernardes

O MEU ENCONTRO COM ESSA REPORTAGEM (AS MINHAS BORDAS E AS DOS OUTROS)



NAQUELA TARDE de setembro de 2012, em um quarto do Pavilhão Pereira Filho, eu estava diante do diretor da escola em que estudei um dia em Sergipe. Eu fazia um curso no Rio Grande do Sul, mais precisamente na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), região metropolitana de Porto Alegre. Fiquei sabendo que Roberto, o diretor do Colégio Mundial, estava internado na Santa Casa e fui lá visitá-lo. No amplo quarto, eu e Roberto lembrávamos do aluno conversador que eu fui, do corte de cabelo redondo que minha mãe sempre gostava e dos casos e anedotas que eu levava, rotineiramente, para a sala de aula.

O fato é que depois daquele dia eu nunca mais quis sair da Santa Casa. Passei a prestar atenção nos passos de pessoas que entravam e saíam com máscaras, oxigênio e um celular na mão. Sempre fui curioso. Primeiro me apresentava com um certo distanciamento, claro. Depois, quando me dava conta, já estava na casa do paciente.

A partir de 2014, quando o projeto deste livro nasceu, passei a pesquisar tudo sobre pulmão, pacientes, Santa Casa de Porto Alegre. Antes, ainda na primeira visita que fiz a Roberto, eu sequer sabia que existia transplante de pulmão. As minhas inquietudes se intensificaram. Li e assisti a entrevistas, presenciei momentos importantes na trajetória de pessoas que eu nem conhecia, mas acabei conhecendo. Mas agora com um profundo interesse jornalístico.

Foram longas entrevistas, demorados encontros, olhos nos olhos e choros escandalosos. Eu não queira fazer um livro reportagem com dados e estatísticas. Para mim só interessava se eu sentisse todas as possibilidades. Eu queria, além de me molhar da chuva, meter os pés na lama escura da água da própria chuva que caía.

Eu chegava com um roteiro pronto para as perguntas, mas os olhares e os gestos me levavam para outros caminhos.

E davam certo os caminhos roubados. Em certos momentos, de tanto presenciar pessoas carentes de respiração, eu também passei a sentir muita falta de ar.

Em janeiro de 2015, quando voltei a Porto Alegre para elaborar as entrevistas, as visitas se estendiam, as conversas se alongavam. Às vezes, apenas um café sustentava o meu corpo o dia inteiro. Outras vezes, uma alaminuta (feijão, arroz, batata, ovo e bife), prato típico gaúcho, me preenchia nas noites tardes do centro da cidade calada.

Em minhas andanças entre a labiríntica Santa Casa, tive quer escolher as saídas distantes para poder acertar a entrevista que faltava. Quando saí mais de 22h do hospital, me escondendo entre as macas dos corredores e abrindo um sorriso desconfiado para o vigilante, foi porque iria valer a pena aquele transtorno saudável em que se faz tudo, ou quase tudo, para obter a informação necessária. Eu não poderia escrever um livro sobre transplante pulmonar no Brasil sem ao menos pegar na mão de Dr. Camargo. E peguei.

Sandra era o retrato da aflição. Me cativava com seu jeito aconchegante de se comunicar. Nunca deixou que eu saísse de sua casa sem tomar café ou comer alguma coisa feita por ela especialmente para mim. Sandra se preocupava com a minha alimentação e se minha família estava sabendo do meu paradeiro.

O nome carinhoso que os casais falavam entre si, eu também passei a chamar, sem me dar conta da minha função naquele momento.

Moab fez a ponte e me apresentou aos médicos, alguns pacientes e toda a estrutura do hospital. Ele estava super feliz porque a vida dele estaria em um livro, contada por mim. Em meu aniversário, me escreveu desejando, além de tudo, que eu tivesse “bigs trepadas”.

É duro escrever para alguém e esse alguém não poder ler a sua própria história. Moab confiou em mim até no último suspiro. E dessa forma, tentei expor aqui. A morte de Moab deixou um buraco enorme em mim. Mas, diante do derradeiro suspiro de sua morte, Moab me deu fôlego para recomeçar a minha vida.

Sentamo-nos, eu e Simone, em uma mesa da lanchonete em frente ao Complexo da Santa Casa quando Simone precisava dizer. Eu fui um porta voz da moça que queria respirar com desabafo de palavras. A moça mineira parecia estar se esgotando. Mas nada que um café forte não curasse. Foi bom ter sido o escolhido para ser o ombro amigo naquela tarde.

O que posso dizer é que foi importante dormir no mesmo quarto com Nilce e Roberto para saber que eles dormiam de mãos dadas a noite inteira. Foi maravilhoso acompanhar Juliana

fazendo o almoço e gritar para Wilson se ele queria que ela colocasse mais tempero na comida e, automaticamente, ouvir ele responder: “faz do seu jeito, amor”. Foi importante retirar a meia do pé de Moab para saber que, mesmo todo o seu corpo sendo um descaso, suas unhas estavam sempre bem aparadas e seus pés brancos iguais aos de um bebê.

Com Marifer, me esbarrei num elevador, eu já estava saindo da Santa Casa, mas decidi acompanhá-la e vi o quanto estava feliz. Se acompanhei Roberto até o banheiro, quando Nilce precisou sair, foi porque além de repórter, eu sou um ser humano. Seja no sorriso de Marifer, nos pés de Moab, na minha gravata que dei para Roberto se enterrar, o que sei é que os personagens desse livro me deram um repertório para a minha vida. Precisei viajar de Sergipe para Porto Alegre para retomar meu fôlego perdido.

Decidi encerrar esse livro compartilhando as histórias reais de pessoas que se dispuseram a me contar. E toda vez que a respiração se perder, assim como a vida, é bom lembrarmos que até as lágrimas de Sandra conseguiram encontrar um lugar para respirar.

UM LUGAR PARA RESPIRAR, UM LUGAR PARA FALAR...

POR **TAYSA MÉRCIA DOS SANTOS SOUZA DAMACENO**²



*Como pode alguém sonhar
O que é impossível saber?
(...)*

*O vento vai dizer lento que virá
E se chover demais
A gente vai saber,
Claro de um trovão,
Se alguém depois sorrir em paz...*

(Marcelo Camelo)

Calor do verão em Sergipe e pude sentir, nesses últimos dias, os ventos e o frio característicos do Sul brasileiro. A leitura de **UM LUGAR PARA RESPIRAR** trouxe o vendaval de Porto Alegre, os corredores e sofás personificados dos apartamentos

2 Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe(UFS). Doutora em Linguística Aplicada. Pesquisadora do GELINS (Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade - UFS). Suas obras estão centradas na Análise Crítica do Discurso e Ensino de Língua Materna.

centrais da capital gaúcha e dos leitões aflitos do Pavilhão Pereira Filho (PPF) da Santa Casa de Misericórdia. As vozes mistas de um texto altamente híbrido integram o quadro sinestésico desta obra, marcado pelo apelo dos sentidos.

A todo instante de leitura e de escuta, materializados na escrita poética de Iuri Rodrigues, eu sentia as dores e vivia, em parte, os amores que aqui estão representados. Vozes e fatos se entrelaçaram, interdiscursos, contos, narrativas pessoais fizeram um jornalismo literário mesclado de informação e verdade.

O texto é uma sintonia de gêneros que, ao mesmo tempo, convida o leitor a parar para o café junto com a conversa dos personagens. O sabor da obra faz lembrar, faz pensar, faz (re) viver os espaços, sentidos e cenas detalhadamente apresentadas pelo jornalista.

Este livro não é um conjunto de relatos sobre a luta pela vida simplesmente. Trata-se de um complexo de momentos em que a existência e a arte se configuram para entendermos que as dores e os prazeres da ideologia de Moab, do cuidado da Crioula, das cores de Sandra, da gravata de Roberto, do sonho de Wilson e do recomeço de Jean são histórias que precisavam ser contadas/vividas. A catarse explode quando percebo que o lugar para respirar transforma-se no lugar para falar. Iuri é ouvinte de pessoas que precisavam respirar/falar. Esta é a metáfora da condição humana! Ser/estar vivo implica em trocas, sejam elas de gases ou de palavras, gestos, expressões.

Platão dizia que a linguagem é remédio. A palavra que cura. Os personagens de histórias distintas tinham nas suas trajetórias sonhos e lutas que estavam arquivados. Falar desses trajetos, dos seus lugares, das suas verdades, era também momento de cura. Ter um lugar para respirar era o fim/início. As dicotomias das vidas estavam materializadas nos eventos por eles narrados. Iuri contribuiu para aliviar as dores dos pacientes do PPF. Ao ouvi-los, deu-lhes um lugar também para respirar...

A experiência dessa leitura é tão simbólica que vou a Cecília Meireles para contemplar as saudades dos “viventes”

“O vento trouxe de longe tantos lugares em que estivemos que tornei a viver contigo enquanto o vento passava...”

Encontrar o outro pela palavra é o melhor caminho de amor e de verdade. Iuri começou o seu texto dizendo que chegou até essas vidas “descalço e nu”. Como consequência, termino a leitura descalça e despida. Sei agora, mais que nunca, que sempre vale a pena esperar!

Lagarto-SE, 22 de janeiro de 2017, às 22h36min

Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno

Edição : 2017

Impressão : Gráfica J. Andrade

Papel de miolo : Off Set 90g/m² da Suzano

Papel de capa : Supremo 250g/m² da Suzano

Tiragem : 500 Livros

Tipologia : Paltino Linotype

Quando Nilce desembarcou no Salgado Filho, o Aeroporto Internacional de Porto Alegre, seus cabelos cacheados revoltaram-se contra seu rosto. O vento forte do sul do país, que se encarregou de receber a sergipana, deixou Nilce desnorteada com tamanha intensidade de recepção. Ela não sabia se segurava os cabelos rebelados ou amparava as malas. Tinha deixado tudo para trás. As filhas, os netos, o comércio e sua mãe. Tudo que tinha levado eram algumas mudas de roupas na bagagem e um sorriso cheio de dentes. Ela tinha acabado de fazer um grande ato que mudaria para sempre seu destino. Na tentativa de salvar a vida de Roberto, Nilce tinha decidido abrir mão da sua própria vida.

ISBN: 978-85-8253-200-3

